

Ministras negras no STF:
quem são as docentes da PUC-SP
apontadas para o cargo

Conheça Mônica de Melo e Lucineia
Rosa dos Santos, as juristas com
o rosto de Brasil



Editorial

Na selva de pedra, a PUC-SP destoa de seus arredores monocromáticos. É uma explosão de cores, pinturas e valores. Há 46 anos, é resistência à violência, à desigualdade, à repressão e a qualquer forma de ódio. Foi durante passagem pelo campus Perdizes que o atual presidente Lula, então candidato, antecipou seu discurso de posse ao falar sobre a principalidade da democracia e da importância da participação do povo nos próximos quatro anos. Em 2023, com a aposentadoria da ministra Rosa Weber, dois nomes do corpo docente da Pontifícia ganham luz em meio às especulações da vaga ao Supremo Tribunal Federal (STF).

Mônica de Melo é professora de Direito Constitucional e pró-reitora de Cultura e Relações Comunitárias da PUC-SP. Hoje, além de sua agenda movimentada entre a universidade e a defensoria pública, Mônica também participa de organizações que pautam a defesa dos direitos das mulheres, o combate à discriminação racial e a democratização do sistema de justiça.

No mesmo prédio, com sorriso estampado, uma voz carinhosa, coração aberto e uma história de luta marcada no olhar, Lucineia Rosa dos Santos é mais uma estrela viva na universidade. Doutora em Direitos Humanos, a docente pensa na transformação, na busca pelo que é melhor para todos, pela educação e pela igualdade. Lucineia é representatividade, é o povo em oito letras.

Em 132 anos, nenhuma mulher negra ocupou uma cadeira no STF. Na verdade, somente em maio de 2003, por indicação do presidente Lula, que a Alta Corte condecorou o primeiro ministro negro de sua história, Joaquim Barbosa. A primeira mulher chegou em 2000, quando Fernando Henrique Cardoso indicou Ellen Gracie ao pioneirismo. Na época, o banheiro feminino precisou ser construído no plenário. Carmen Lucia seria indicada no mesmo ano em que Ellen presidiria a Corte pela primeira vez, em 2006.

De acordo com dados do 2º trimestre de 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE, 55,8% da população brasileira se declara negra e mais de 51% é constituída por mulheres. Em um país em que a exceção é maioria, é difícil acreditar que a cor e o gênero não são critérios eliminatórios.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Reitora Maria Amália Pie Abib Andery
Vice-Reitora Angela Brambilla Lessa
Pró-Reitor de Pós-Graduação Márcio Alves da Fonseca
Pró-Reitora de Graduação Alexandra Fogli Serpa Geraldini
Pró-Reitora de Planejamento e Avaliação Acadêmicos Márcia Flaire Pedroza
Pró-Reitora de Educação Continuada Altair Cadrobbi Pupo
Pró-Reitora de Cultura e Relações Comunitárias Mônica de Melo
Chefe de Gabinete Mariangela Belfiore Wanderley

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

Diretor Fabio Cypriano
Diretora Adjunta Priscila Almeida Cunha Arantes
Chefe do Departamento de Comunicação MiSaki Tanaka
Vice-chefe do Departamento de Comunicação Vânia Penafieri de Farias
Coordenador do Curso de Jornalismo Diogo de Hollanda
Vice-coordenador do Curso de Jornalismo Fábio Fernandes

EXPEDIENTE CONTRAPONTO

Editora Responsável Anna Flávia Feldmann
Editoras Assistentes Rafaela Reis Serra e Giuliana Zanin
Secretários de Redação Carlos Gonçalves e João Curi
Fotografia Lídia Rodrigues de Castro Alves
Mídias Sociais Maria Ferreira dos Santos e Manuela Troccoli

Editorias

Artes Carlos Gonçalves
Cidades Giovanna O. da Silva
Comunidade Acadêmica
Amanda Furniel
Cultura Lucas Malagone

Educação Júlia Takahashi
Entretenimento Paula Moraes
Esportes Leonardo de Sá
Internacional Gabriela Costa
Política Nanda Querne

Revisão Ana Luiza Pêgo, Anna Beatriz da Matta, Daniel Seiti, Enrico Souto, Fernanda Fernandes, Gabriel Porphirio Brito, Gabriela Costa, Gabriella Maya Freitas, Gabrielly Mendes, Isabela Miranda, Julia Nogueira, Julia Rugai, Laura Mello, Marcela Foresti e Vanessa Orcioli

Ombudsman Fabio Cypriano

Comitê Laboratorial Cristiano Burmester, Diogo de Hollanda, Fabio Cypriano, José Arbex Jr., Maria Angela Di Sessa e Pollyana Ferrari

Capa

Fotografia Lídia Rodrigues de Castro Alves
Supervisão técnica Maria Angela Di Sessa

Projeto e diagramação Alline Bullara

Contraponto é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre 984 – Perdizes
CEP 05014-901 – São Paulo/SP
Fone (11) 3670-8205

Ed. Número 138 – Novembro/Dezembro de 2023

Política

| | |
|--|----|
| Quem são as professoras da PUC-SP apontadas para a mais alta cúpula do judiciário?..... | 4 |
| O debate continua: descriminalização do aborto no Brasil e na América Latina | 6 |
| Descriminalização do porte de maconha tem julgamento interrompido no Supremo Tribunal Federal..... | 9 |
| Greve atinge a melhor universidade da América Latina..... | 10 |



© Lídia Rodrigues de Castro Alves

Internacional

| | |
|---|----|
| BRICS 2.0: novos membros indicam era de cooperação global | 12 |
|---|----|

Ambiental

| | |
|--|----|
| Crise climática: do aquecimento à ebulição global..... | 14 |
|--|----|

© Reprodução: Netflix



Saúde

| | |
|---|----|
| É possível furar a fila do transplante? | 17 |
| Transtornos alimentares sob a influência de Hollywood | 18 |

Esportes

| | |
|--|----|
| Do gramado para as redes: Influenciadores digitais no futebol..... | 20 |
| A torcida que conduz dentro e fora do estádio | 22 |
| A competição invisível dos atletas: o impacto da saúde mental no esporte | 24 |



© Lucca Ranzani

Ensaio fotográfico

| | |
|-----------------|----|
| Videoteca | 26 |
|-----------------|----|

Cultura e comportamento

© Fernanda Travaglini



| | |
|---|----|
| Obrigado pela rosa | 27 |
| Obras de modernização | 28 |
| A transformação das livrarias: os novos formatos no modelo de negócio da área editorial | 29 |
| Diversidade e inclusão marcam a 35ª edição da Bienal de São Paulo | 30 |
| O horror por trás do show | 34 |
| O Legado de um Gênio | 36 |

Quem são as professoras da PUC-SP apontadas para a mais alta cúpula do judiciário?

Conheça Mônica de Melo e Lucineia Rosa dos Santos, professoras da faculdade de Direito da Pontifícia indicadas para ocupar a cadeira de Rosa Weber no STF

Por Beatriz Barboza, Julia Barbosa, Livia Rozada, Manuela Mourão e Pedro Premero

A ministra Rosa Weber se aposentou oficialmente no dia 2 de outubro, quando completou 75 anos, idade-limite para participar do tribunal. Em seu discurso de despedida, Weber destacou a desigualdade de gênero que domina a Corte. Caso seja sucedida por um homem, o STF contará com 10 ministros e apenas uma ministra, Cármen Lúcia. Entre as indicadas à cadeira no judiciário estão Mônica de Melo e Lucineia Rosa dos Santos, ambas professoras da PUC-SP, que nos contam como as experiências de mulheres negras podem transformar o cenário desigual, majoritariamente masculino e branco, numa voz democraticamente representada.

Em 132 anos de existência, a principal Corte do país teve 168 ministros homens, enquanto apenas três mulheres ocuparam cargos no tribunal, todas brancas. Apenas 109 anos após sua criação, a cúpula teve uma de suas cadeiras ocupadas por uma mulher, a ministra Ellen Gracie, que tomou posse em 2000. Cármen Lúcia integrou a Corte em 2006 e Rosa Weber tomou posse em 2011.

O Supremo apresenta, também, um histórico de desigualdade racial, tendo tido apenas três ministros negros. Pedro Lessa e Hermenegildo de Barros integraram o tribunal no início do século 20. Desde então, o único negro a ocupar uma cadeira na Corte foi Joaquim Barbosa, entre 2003 e 2014. Na formação atual, o STF é composto inteiramente por pessoas brancas. As mulheres negras, embora constituam o maior grupo demográfico brasileiro (28% da população), nunca integraram o Supremo.



Rosa Weber em sessão no plenário do STF



© Nelson Jr

Última sessão
presidida por
Rosa Weber
no STF

Nova Indicação ao Supremo

Com a aposentadoria de Weber, há uma cadeira vaga no STF. Como prevê a Constituição, a escolha dos ministros para o Supremo é realizada mediante nomeação por parte do Presidente da República. A indicação precisa ser aprovada pelo Senado Federal, que deve realizar uma sabinha com o jurista. Essa será a segunda vez neste ano em que Lula deverá escolher um novo ministro para o Supremo; o presidente indicou Cristiano Zanin, seu advogado durante os processos da lava-jato, para substituir Ricardo Lewandowski, que se aposentou em abril.

A indicação para a vaga aberta do STF está, novamente, entre homens brancos. Dada a falta de diversidade no Supremo, há uma pressão crescente por parte de movimentos sociais para que Lula indique uma mulher negra ao cargo. Embora tenha a representatividade do povo brasileiro no governo como promessa de campanha, o presidente deixa a questão de lado nas indicações ao STF. Em sua primeira indicação, Lula ignorou os apelos e optou por mais um homem branco.

Em uma entrevista concedida a jornalistas em setembro, o presidente declarou que gênero e raça não serão critérios norteadores de sua decisão. “Vou escolher uma pessoa que possa atender os interesses e expectativas do Brasil. Uma pessoa que possa servir ao Brasil”, afirmou Lula. O petista disse, ainda, que diversos juristas estavam sendo analisados, e que não tinha pressa para tomar a decisão.

Mônica de Melo

Professora de Direito Constitucional e pró-reitora de Cultura e Relações Comunitárias da PUC-SP, Mônica de Melo é, também, defensora pública e disputa a cadeira de Rosa Weber no Supremo Tribunal Federal.

Hoje, além da agenda movimentada entre universidade e defensoria pública,

Melo também pertence a diversas organizações que pautam a defesa dos direitos das mulheres, combate à discriminação racial e democratização do sistema de justiça. “Sou vice-presidente da seção de São Paulo na Associação Brasileira de Mulheres de Carreira Jurídica”, contou em entrevista para o **Contraponto**. A lista dos movimentos, associações e coletivos dos quais a pró-reitora faz parte é extensa, e afirma que essa militância antecede sua formação.

Melo não se interessou logo de cara pelo Direito. Passou antes pelo magistério e entrou na universidade em que trabalha até hoje, como aluna no curso de Pedagogia. Por meio do convívio e interesse pelas matérias específicas no ciclo básico, se aproximou do Direito e fez a transferência. Graduiu-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1991, onde também concluiu o mestrado e doutorado.

Ao falar sobre a PUC, Melo reconhece a existência do significado e simbologia da instituição, e como se alinham diretamente aos seus próprios valores. “Aqui tem uma história política de resistência, de luta pela democracia, de inclusão social, que acho que tem tudo a ver com o que eu acredito. Realmente é um lugar muito significativo para mim. É um lugar em que eu me sinto bem.”

Participando da Pró-Reitoria de Cultura e de Relações Comunitárias, Mônica de Melo conseguiu se dedicar a propostas para melhorar a vida acadêmica da faculdade. Um projeto recente que a pró-reitora acompanhou e trabalhou pela sua deliberação prevê que, a partir de 2024, a contratação dos docentes tenha políticas de ação afirmativa racial.

“Eu estive à frente desse projeto. Acho que é um projeto superimportante para a universidade, porque a gente tem um quadro docente majoritariamente branco, é uma forma de a gente buscar o enegrecimento da PUC.”, explica ela.

Outra exaltação de Melo, diz respeito à literatura brasileira. “A gente tem pouquíssimo contato com autores, autoras da África, da América Latina”, diz a professora, que considera a inserção da literatura de autores do Sul do globo, sobretudo obras escritas por mulheres e pessoas negras, de um grande pilar para as políticas de ação afirmativa.

A docente revelou ser adepta ao feminismo negro e falou sobre como a vaga para o STF não só precisa ser preenchida por uma mulher, mas também deve ser preenchida por uma mulher negra. “As mulheres são mais da metade da população, as pessoas negras no Brasil são 56%. Então, ter representatividade nos órgãos de poder significa ter mais democracia.”, aponta ela.

“Direito achado nas ruas”

Mônica de Melo acredita que sua maior particularidade é a experiência como defensora pública. “Me faz ter uma visão do direito diferente de quem faz uma advocacia para quem pode pagar. Eu diria hoje, que a formação que a gente tem na faculdade de direito não é uma formação que por si só dá conta da atuação de um defensor público”, conta. “Estamos em contato direto com as pessoas mais vulneráveis do Brasil, que estão, por exemplo, encarceradas, em situação de rua, sem terra ou moradia”, acrescenta ela.

Em seu artigo, “O ‘Direito achado’ nas ruas pela Defensoria Pública precisa fazer parte do STF”, publicado no site Migalhas, escreveu: “Faz-se necessária a possibilidade de tornar visíveis os milhares de vulneráveis, contribuindo para uma visão crítica e emancipatória do Direito e da Justiça.”

Na atual constituição do STF, nenhum dos 10 ministros, assim como a recém aposentada Rosa Weber, trazem para a Suprema Corte a bagagem da defensoria pública. A professora da PUC-SP define o trabalho na área como um direito à serviço da existência e resistência de vidas que costumam ser descartadas pela maioria da sociedade. A advogada ressalta a importância dessa visão dentro de um espaço que costumeiramente privilegia a existência das camadas mais abastadas da sociedade.



Mônica de Melo

Lucineia Rosa dos Santos

Doutora em Direitos Humanos pela PUC-SP, docente universitária na área jurídica e apontada para ocupar a cadeira vaga do STF, Lucineia Rosa dos Santos compartilhou, em entrevista para o **Contraponto**, uma narrativa notável que transcende sua própria existência.

Nascida em uma família de origem humilde, sua família se estabeleceu em São Paulo, onde seu pai, originário de Goiás, ingressou na área da indústria, e sua mãe, entregue à vida doméstica desde tenra idade, cresceu sob as sombras da escravidão.

No entanto, a determinação de uma tia, irmã de seu pai, movida pelo desejo de adquirir educação, desencadeou uma reviravolta na trajetória da família negra na década de 1930 e inspirou Santos. A busca pelo conhecimento tornou-se um farol em sua vida desde sua mais jovem lembrança. Ela concluiu um curso técnico em administração na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), antes de finalmente encontrar sua vocação na faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica. Como advogada, fez doutorado em Direitos Humanos e mestrado em Direito do Trabalho também na PUC-SP.

Hoje, além de advogada, Lucineia Rosa dos Santos desempenha um papel essencial como educadora, ministrando disciplinas de Direitos Humanos, Direitos Humanos dos Refugiados, Direito da Criança e do Adolescente, bem como Direito de Igualdade de Gênero e Racial. Sua jornada é um testemunho de superação e dedicação à educação, à luta contra o racismo e, especialmente, à causa dos Direitos Humanos.

“Transformação pelo ensino”

A educação de qualidade sempre esteve entre as prioridades de sua família. “Minha mãe sempre procurava nos colocar nas melhores escolas públicas da região em que morávamos. Ela sabia da minha dificuldade em matemática e fez questão de pagar aulas particulares”, contou a professora. Santos ainda revelou que, na contramão do constante estímulo de seus pais, não era incentivada no ambiente escolar, e relembrou episódios em que sofrera racismo de seus professores e dos colegas de sala.

Aos 14 anos, decidida que cursaria Secretariado na FECAP, compartilhou suas intenções com uma professora que muito admirava. “Ela me respondeu dizendo que eu poderia esquecer a ideia. Disse que eu seria igual às minhas colegas, doméstica e mãe solteira.”, relembra.

Embora tenha frequentado diferentes instituições, o contexto de discriminações permanecia o mesmo. “Quando ela afirmou que eu não poderia concretizar os meus planos, ela me colocou no meu lugar enquanto negra, segundo o pensamento racista”, afirmou a Profa. Dra. Lucineia.

“Parentes distantes achavam que determinadas atividades não eram para mim. Quem é que vai contratar uma mulher negra para ser secretária executiva? Eles diziam”. A advogada abandonou a ideia de cursar Secretariado, mas não desistiu de continuar



Lucineia Rosa dos Santos

estudando, se formou técnica em administração pela FECAP.

A jurista conta que seus tios participavam de sindicatos e traziam as discussões sobre as questões raciais e políticas para os encontros da família. “O que se debate hoje, já era posto em casa há muitos anos. Eu era criança, mas ouvia.”, conta ela. Desde muito jovem, entendeu que o ensino poderia transformar a sua realidade em um país onde a sua raça era fator determinante para garantir seus acessos. “Não era suficiente ter capacitação e técnica. No Brasil, o racismo ditava meus espaços e minha ascensão profissional.”, afirma.

Em 1983, Lucineia Rosa dos Santos passou em Filosofia na PUC-SP. Nos 2 anos dedicados ao curso, teve contato com as matérias específicas do Direito e confirmou um antigo desejo de seguir pela carreira jurídica. “Prestei novamente o vestibular e passei. Cursava Filosofia, Direito e trabalhava em um banco na época. Em 86, houve um aumento nas mensalidades e eu tive que deixar a Filosofia.”, explica.

“Consciência do que é ser negro no Brasil”

A professora acredita que a ausência de uma pessoa negra na Corte não impede que as questões raciais estejam à luz do debate. No entanto, as demandas do grupo são debatidas sem importantes objetos de análise: a consciência e a experiência do que é ser negro no Brasil. “Somente a partir dessa consciência é possível mudar a estrutura”, completou a jurista.

“Ter uma mulher negra no STF significa ter, no futuro, maior número de pessoas negras ocupando os juízes de primeira e segunda instância e as demais cúpulas. Se Lula quer, de fato, mudar o que temos há séculos, o poder institucional nas mãos dos mesmos, é agora”, afirmou Santos. A professora exalta o vasto número de mulheres negras que correspondem aos critérios exigidos pela Constituição e reconhecem a verdadeira história do país.

“É preciso que o poder mude de mãos. Quando se coloca uma mulher negra no Supremo, o pobre, independentemente do critério étnico-racial, pensa ‘filho, estude vá, a luta porque essa mulher negra chegou no maior patamar da história de uma corte suprema de um país, então você pode!’ É muito mais do que representatividade, significa a mudança do pensamento estruturante desse país.”, finaliza.

O debate continua: descriminalização do aborto no Brasil e na América Latina

Pauta volta ao STF e reacende as luzes sobre a discussão em território nacional

Por Laura Vieira, Luiza Miranda, Maria Eduarda dos Anjos, Milena Camargo e Sônia Xavier

A descriminalização do aborto no Brasil reapareceu no Supremo Tribunal Federal (STF) no mês de setembro, com a votação de uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, a ADPF 442, que propõe a liberação da interrupção voluntária da gravidez nas primeiras 12 semanas de gestação.

Às vésperas de se finalizar seu mandato na presidência da Corte, Rosa Weber iniciou a votação no Plenário virtual. A magistrada destacou que a perspectiva adotada para lidar com os problemas do aborto não é a política estatal ideal. A ministra argumentou que o código penal que criminalizou o aborto “de forma absoluta” em 1940 era o mesmo que excluía as mulheres da condição de “sujeito de direito”.

Após o voto favorável, o julgamento foi suspenso por pedido de vistas do ministro Luís Roberto Barroso e prosseguirá em sessão presencial no Plenário, em data a ser definida.

No Brasil, as únicas três situações em que o aborto não é considerado crime são em casos de estupro; quando a gestação gera risco de vida para a gestante e quando se é constatada anencefalia fetal.

As condenações atuais referentes ao aborto, são baseadas no Código Penal de 1940. O artigo 124 prevê pena de detenção de um a três anos para quem “provoque aborto em si mesma ou consentir que outra pessoa o provoque”. E o artigo 126 estipula reclusão de um a quatro anos para quem provocar o aborto com o consentimento da gestante.

Entre os anos de 2014 e 2021, foram abertos 2.533 processos criminais classificados como “aborto provocado pela gestante ou com o seu consentimento” na justiça brasileira, em primeira instância, segundo dados do sistema ‘Justiça em Números’, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Donas do próprio corpo

Apesar das discussões sobre o aborto terem reacendido recentemente, o movimento pela descriminalização no país é antigo, pautado pelo menos desde a década de 90. Porém o fortalecimento dos movimentos feministas e o crescente apoio popular contribuíram para a manutenção do tema nos debates.

“O movimento acumula há anos esse debate, a falta de direitos reprodutivos é



© Sônia Xavier

Luna Borges, diretora do Fôs Feminista, afirma que existe uma certa banalização da morte materna e que esse é um dos desafios a serem enfrentados

de outras ondas do feminismo. É importante o movimento não sair da rua, no sentido de não deixar de colocar a importância de falar disso, porque senão a gente está sempre recomeçando”, diz Maria Clara Ferreira, integrante do movimento Frente de São Paulo contra a Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto.

Ferreira enfatizou a necessidade de esclarecimento dos termos legalização e descriminalização. Segundo ela apesar de ser um passo para tal, a legalização é algo mais profundo que engloba, entre outras coisas, educação sexual e políticas de atendimento de saúde, enquanto a descriminalização, que diz respeito à ADPF 442, figura como a retirada do aborto do Código Penal.

O perigo da criminalização

Além da descriminalização dos corpos que realizam o aborto, Luna Borges, diretora da Fôs Feminista, acredita que uma mudança radical na normalização da fragilidade de direitos reprodutivos já conquistados se faz necessária. “As pessoas normalizam, por exemplo, a mortalidade

materna, a gente primeiro tem que mudar radicalmente essa normalização de fragilização de direitos”.

Um relatório da Pesquisa Nacional de Aborto (PAN), 2021, constatou que 52% das mulheres fizeram seu primeiro aborto com 19 anos ou menos. A pesquisa estima que uma a cada sete mulheres realizou um aos 40 e cerca de 10% realizaram pelo menos um aborto na vida.

Os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) revelam 109 casos de óbito materno durante os anos de 2020 a 2021, considerando os tipos de aborto da lista e suas tentativas falhas.

O sistema também informa que as internações hospitalares referentes a processos utilizados no pós-aborto como o “esvaziamento de útero pós-aborto por aspiração manual intrauterina (AMIU)” e “curetagem pós-abortamento/puerperal”, somaram 364.174 casos, no período de 2020 a fevereiro de 2022.

Em entrevista ao **Contraponto**, Beatriz [nome fictício] conta que realizou o aborto quando tinha 22 anos, depois de 8 semanas de gestação. Ela menciona

que quando decidiu abortar, ouviu relatos de amigas e pesquisou sobre o remédio comumente utilizado para a prática, porém enfatiza que ter o conhecimento mínimo do procedimento não traz a segurança necessária.

“Se você tiver profissionais que vão te ajudar, você não vai correr risco de vida e você vai fazer isso com a maior segurança e até menos culpa”, pontua Beatriz.

Mas, como é o debate sobre a legalização do aborto no resto da América do Sul?

O primeiro entre os latinos: Cuba

Cuba foi o primeiro país da América Latina a descriminalizar o aborto. Em 1936, permitiu o aborto em três situações: estupro, risco à vida da mãe e risco de transmitir doenças graves ao feto. Naquela época, o aborto frequentemente ocorria de maneira insegura, levando a óbitos maternos.

Após a revolução em 1960, a *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC) foi estabelecida e, a partir daí, a interrupção voluntária da gestação passou a ser realizada em maternidades e policlínicas, iniciando o processo de institucionalização no sistema de saúde.

A descriminalização jurídica ocorreu em 1987, tornando o aborto permitido até a décima semana de gestação para todas as mulheres, exceto em casos de pretensão de lucro, realização fora de instituições hospitalares ou sem consentimento da mulher.

As várias etapas: Uruguai

Sob a presidência de José “Pepe” Mujica, em 2012, o Uruguai descriminalizou o aborto, tornando-se o segundo país da América do Sul a fazê-lo. A Lei 18.987/2012 viabiliza a interrupção voluntária da gravidez até a 12ª semana. Em situações de estupro, o período estendido é de até a 14ª semana, e em casos de risco de vida para a gestante ou anomalias fetais, a prorrogação do prazo também é contemplada.

Antes disso, desde 1938, o país permitia o aborto em três circunstâncias: ameaça à vida da mulher, gestação resultante de estupro e dificuldades econômicas.

Os movimentos sociais uruguaios lutaram por uma lei diversificada. O movimento feminista apoiou a descriminalização, mas houve discordância sobre a lei aprovada devido às barreiras de acesso.

O aborto no país é restrito ao Sistema Nacional Integrado de Saúde e envolve um processo com várias etapas, incluindo consultas médicas e período de reflexão. A falta de divulgação governamental e a objeção de consciência de alguns médicos, quando pode negar-se a realizar o procedimento, também afetam o acesso ao aborto.

O movimento feminista busca reformar a lei, mas o atual cenário político

desfavorável dificulta uma revisão. Desde 2020, a direita mais conservadora voltou ao poder do país, com a eleição de Luis Alberto Lacalle Pou (Partido Nacional) para presidente.

A favor da Maré: Argentina

Em dezembro de 2020, a Argentina aprovou a Lei nº 27.610, conhecida como Lei de Interrupção Voluntária da Gravidez (IVE), permitindo o aborto seguro e gratuito até a 14ª semana de gestação. Essa conquista foi resultado de décadas de luta pelo direito ao aborto no país, envolvendo diversas organizações e movimentos.

A mobilização começou nos anos 1980, após o fim da ditadura argentina, e se fortaleceu ao longo do tempo. A Campanha Nacional pelo Aborto Legal, Seguro e Gratuito, lançada em 2005, desempenhou um papel fundamental na mudança de percepção pública e na pressão por mudanças na legislação.

A lei argentina estabelece obrigações para o sistema de saúde, incluindo a oferta de serviços de aborto seguro e gratuito, bem como assistência pós-aborto e acesso a métodos contraceptivos. O consentimento informado é essencial, e a distribuição ampla de medicamentos é fundamental para garantir o acesso ao aborto seguro.

Coalizão pelo direito de decidir: Colômbia

O aborto na Colômbia passou por mudanças significativas nos últimos anos. O movimento de mulheres lutou pela despenalização do aborto e, em 2022, a Corte Constitucional descriminalizou o aborto até a 24ª semana. No entanto, o Congresso ainda não regulamentou o aborto no país, e a Corte continua a preencher essa lacuna normativa com sentenças.

O debate sobre o aborto na Colômbia tem sido polarizado, grupos conservadores e religiosos se opõem à descriminalização, enquanto pesquisas recentes mostram um crescente apoio à autonomia reprodutiva, com a maioria das pessoas aprovando leis relacionadas à interrupção voluntária da gravidez.

48 anos de descriminalização: Guiana Francesa

A Guiana é o único país sul-americano colonizado pelos britânicos. Sua independência foi alcançada em 1966, contudo, permanece como membro da Commonwealth, um grupo formado por 56 nações que compunham o Império Britânico e mantêm sua lealdade à coroa britânica.

Devido a essas conexões, a Guiana se tornou pioneira na América Latina a debater o tópico do aborto, seguindo a aprovação do Abortion Act pelo Reino Unido em 1967, o qual permitia o aborto até a 24ª semana. Esse debate teve início em 1971,

porém, devido à instabilidade política nas décadas de 1970 e 1980, houve significativos atrasos no progresso desse tema.

A Igreja Católica desempenhou um papel relevante durante as discussões sobre a descriminalização do aborto. A instituição era contrária a mudanças na legislação e pressionou o governo para impedir a aprovação de uma lei mais permissiva.

Em 1995, apesar das objeções, a Lei de Interrupção Médica da Gravidez foi aprovada na Guiana e sancionada pelo então presidente, Dr. Cheddi Jagan. A legislação autoriza a interrupção voluntária da gravidez até a 8ª semana de gestação, sendo permitida após esse período somente em situações de risco à saúde materna ou fetal.

A implementação da lei do aborto legal na Guiana enfrentou atrasos e falta de regulamentação, tornando o acesso a serviços de aborto quase impossível para mulheres pobres. Hospitais públicos não realizavam o procedimento e a maioria dos abortos ocorria em clínicas privadas. Havia debates sobre a responsabilidade pela implementação da lei, com pouca consideração pelos impactos na vida das mulheres.

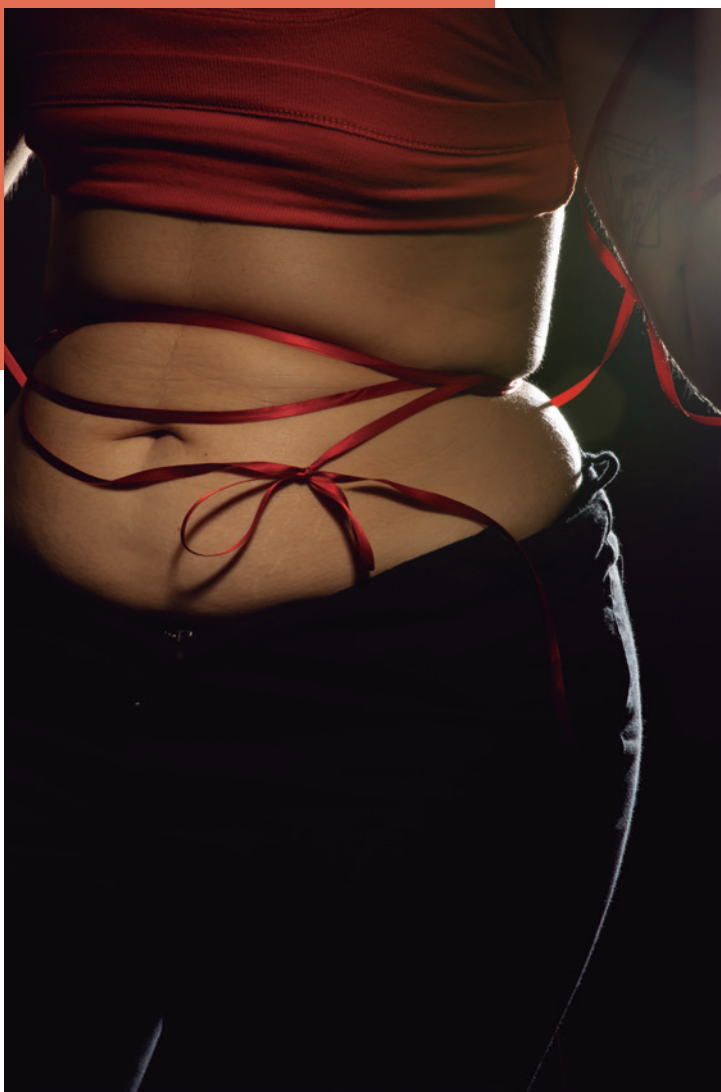
O caçula, por enquanto: México

A Suprema Corte de Justiça da Nação (SCJN), em setembro desse ano, decidiu pela descriminalização do aborto em todo território mexicano. A decisão obriga o serviço público federal de saúde e instituições federais de saúde a oferecer o aborto a qualquer pessoa que o solicite, mesmo em estados em que o aborto seja criminalizado.

O texto de resolução do SCJN menciona que as normas presentes no Código Penal Federal são “inconstitucionais” e “violam os direitos humanos das mulheres e das pessoas com capacidade de gestar”. Isso ocorreu quando as mulheres ocupavam metade das cadeiras no Congresso, destacando a importância da representatividade feminina na política.

Débora Lima, coordenadora do MTST e presidenta do PSOL SP, afirma que a descriminalização do aborto nesses países ressoa de forma positiva no Brasil. “Outros países da América Latina se movimentaram e, com a luta das mulheres, descriminalizaram o aborto. Essas lutas ecoam no Brasil e mostram que é possível concretizarmos essa demanda”.

Luna Borges também acredita que o compartilhamento de conhecimentos e estratégias pelas organizações que lutam pela descriminalização e legalização do aborto faz com que a luta fique mais forte e chegue a mais pessoas. “Eu acho que uma forma muito concreta de ver essa aliança, essa solidariedade, esse intercâmbio de conhecimentos é a própria Maré verde, que de alguma forma se deu de um modo muito orgânico não só na América Latina e no Caribe, mas de forma global”, complementa.



© Sônia Xavier



© Sônia Xavier



© Sônia Xavier

Descriminalização do porte de maconha tem julgamento interrompido no Supremo Tribunal Federal

Especialista aponta os benefícios no uso do cannabis para fins medicinais



Por Gabriel Cordeiro, Lucas Lopes e Pedro Lima

A discussão em torno da legalização e descriminalização da maconha tem ganhado destaque em diversas partes do mundo. Além dos argumentos sociais e econômicos, a perspectiva da saúde pública desempenha um papel crucial neste debate. No Brasil, a votação sobre a descriminalização do porte de maconha foi paralisada no dia 25 de agosto no STF, apesar de ter a maioria dos votos para distinguir usuário e traficante.

A análise foi interrompida a pedido do ministro André Mendonça, que tem prazo de 90 dias para devolver o tema à pauta. Seis dos 11 ministros já votaram: Gilmar Mendes (relator), Luís Roberto Barroso, Edson Fachin, Alexandre de Moraes, Cristiano Zanin e Rosa Weber. Assim, na retomada do julgamento, votarão os ministros André Mendonça, Nunes Marques, Cármen Lúcia, Dias Toffoli e Luiz Fux.

Os ministros votaram para decidir se o porte de maconha para uso pessoal é crime. Até o momento, o placar é de 5 a 1 para que não seja criminalizado. O único voto contrário veio do ministro Cristiano Zanin. O STF também julga se é possível diferenciar o usuário do traficante com base na quantidade de droga encontrada. Nessa pauta, o placar é de 6 a 0, e há maioria para definir uma quantidade-limite.

O cannabis possui compostos químicos chamados canabinóides, que possuem propriedades analgésicas a partir da interação entre o sistema endocanabinoide e o corpo humano. Essas particularidades paliativas presentes nos canabinóides, como o THC e o CBD, podem ser eficazes no alívio de dores crônicas, como aquelas causadas por lesões e câncer.

Além disso, possuem propriedades anti-inflamatórias, o que é útil no tratamento



© Getty Images

Produção científica de cannabis

de condições inflamatórias, como artrite reumatoide e doenças intestinais, podendo ajudar também no controle de náuseas e vômitos. Para pacientes em estágios avançados de doenças terminais, a maconha pode proporcionar alívio dos sintomas, melhorando a qualidade de vida.

Outro tratamento em que estudos têm demonstrado eficácia, principalmente em crianças, é de formas raras de epilepsia, que é uma alteração temporária no funcionamento do cérebro e causa o descontrole de ações voluntárias do paciente; e que certos extratos de maconha, ricos em CBD, podem surtir efeito terapêutico do distúrbio neurológico. E como atinge diretamente o nervo óptico dos olhos e o globo ocular por possuir receptores canabinóides, a cannabis medicinal pode favorecer a redução da pressão intraocular momentânea.

Há relatos de pacientes de que o uso da cannabis medicinal pode reduzir o embaçamento da visão e melhorar a percepção visual, tratando doenças como o glaucoma.

Além de todos os benefícios físicos que o uso dos canabinóides podem trazer, há o possível uso em tratamentos de distúrbios mentais em alguns casos. A maconha tem potencial de ajudar a reduzir a ansiedade e o estresse, sendo útil em casos como autismo e estresse pós-traumático. Os efeitos dessa substância podem variar de pessoa para pessoa.

O seu uso em doses controladas tem a capacidade de ajudar a melhorar a qualidade do sono em pessoas que sofrem de insônia ou outros distúrbios do sono. Alguns estudos

sugerem que os canabinóides possivelmente tem propriedades neuroprotetoras, o que pode ser relevante em doenças neurodegenerativas como o Alzheimer.

“O uso do cannabis poderia muito bem ser usado em tratamentos com atletas esportivos, funcionando como um analgésico e ainda um meio que estimula a recuperação muscular, além dos benefícios na área neurofuncional, principalmente com pacientes que sofrem de alguma deficiência”, revela o fisioterapeuta Breno Galati em entrevista ao **Contraponto**.

Em relação aos efeitos colaterais negativos, o profissional da saúde faz um alerta: “É necessário muito cuidado e tato em relação aos pacientes menores de 21 anos com o cérebro não totalmente desenvolvido, pois podem enfrentar atrasos de desenvolvimento na parte frontal, perdas de memória recente e outros malefícios. Além disso, é necessário um controle de dosagem para que não estimule o vício ou manifestem distúrbios como paranoia e psicose”.

Galati se mostrou a favor da descriminalização da maconha, “o saldo é positivo se utilizada do jeito certo, sendo monitorada e com regulamentação adequada. A descriminalização seria um grande avanço, permitindo assim maiores estudos sobre o uso e seus efeitos e indo até além da área da saúde, com a maior conscientização da sociedade sobre o cannabis, para além dos tabus e debatendo os efeitos positivos da substância”.

O debate em relação a descriminalização e legalização da maconha varia de um país para outro por conta do preconceito, principalmente no Brasil. O preconceito em relação à cannabis é discutida não só pela população, sendo pauta de senadores e partidos que são contra a legalização da mesma. O senador Eduardo Girão (NOVO-CE) se posicionou de forma contrária ao afirmar que “a liberação do plantio significaria uma porta aberta para que o mercado bilionário da maconha recreativa crie tentáculos no Brasil”.

Para que a descriminalização da maconha aconteça no Brasil, além do preconceito perpetuado pela sociedade, é necessário superar o estigma sobre a substância nas discussões do judiciário e do legislativo federal. “O preconceito em relação ao usuário e a cannabis em si prejudica muito possíveis avanços no quesito medicinal”, finaliza Galati.



© Carlos Moura/STF

Plenário do STF durante sessão

Greve atinge a melhor universidade da América Latina

Classificada entre as 100 melhores do mundo, a Universidade de São Paulo sofre com a falta de professores, péssimas condições do conjunto residencial e outros problemas

Artur Maciel, Julio Cesar Ferreira e Isabela Lago Miranda

Em setembro estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) decidiram entrar em greve mais uma vez. As paralisações são recorrentes desde 2002 e, normalmente, têm as faculdades de humanas à frente, como também a ECA (Escola de Comunicações e Artes). A movimentação das faculdades alcançou outros institutos da universidade, que aderiram à greve geral três dias depois. A Associação de Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp) também pausou as próprias atividades.

A interrupção ocorreu em decorrência de relatos de alunos sobre a impossibilidade de prosseguir com as aulas devido à ausência de docentes. Conforme o Anuário Estatístico da USP, mais de 900 professores foram desligados entre 2014 e 2022.

Posicionada, segundo o ranking da QS World University, entre as 100 melhores universidades do mundo, a USP tem diversos problemas estruturais, como superlotação dos ônibus circulares, condições precárias do conjunto residencial (Crusp), falta de professores em diversas unidades e disciplinas, escassez de diversidade e dificuldade para a utilização de alguns espaços.

Desde o final de setembro, estudantes da Letras realizam uma série de mobilizações pela contratação de docentes. Segundo um dossiê publicado neste ano, pelo Caell (Centro Acadêmico de Estudos Linguísticos e Literários "Oswald de Andrade"), o curso de Letras, que é um dos mais precarizados da universidade, precisa da

contratação imediata de, no mínimo, 80 professores, e de 114 para o funcionamento pleno das aulas. Diante do cenário, habilitações linguísticas como o armênio e o coreano não têm aulas.

A escassez de docentes se tornou um obstáculo para os alunos que buscam cursar as disciplinas obrigatórias, essenciais para a conclusão do curso dentro do prazo previsto, bem como para a realização de disciplinas optativas visando uma formação abrangente. Julia Silva, estudante da Letras, explicou que o problema não está somente na ausência de professores, mas também na precarização das políticas de permanência, o que coloca barreiras na graduação.

"Dentro das nossas demandas, a moradia estudantil é uma das principais. O campus da USP Leste [EACH] não tem moradia, a Sanfran [Faculdade de Direito] tem, mas não consegue comportar alunos de outras faculdades", compartilha Silva. A graduanda relatou que só tem o Crusp como moradia, mas que o conjunto é cheio de problemas: estrutura precária, principalmente de cozinha e lavanderia; vazamentos hidráulicos; os blocos K e L foram fechados para reforma e nunca mais foram reabertos.

Com 60 anos de existência, o Crusp, atualmente, abriga cerca de 1.600 indivíduos, sendo 300 deles irregulares. Alunos relataram agravamento das condições vulneráveis das instalações durante o período de isolamento decorrente da pandemia de Covid-19. Algumas das queixas foram: ausência de água, internet e medidas sanitárias. De acordo com informe da USP, estudantes que moram no Crusp recebem auxílio de R\$300.

No curso de Artes Visuais, 11 disciplinas foram canceladas neste semestre por falta de professores, o equivalente a um terço da carga horária do curso. O motivo do cancelamento teria sido a não renovação do contrato de três professores temporários e a ausência de docentes disponíveis para assumir as vagas. O resultado foi uma marcha pelos prédios, reivindicando os requisitos iguais aos da FFLCH. Mesmo com a movimentação dos estudantes, a reitoria não acatou o pedido.

Além da contratação de docentes, a ECA tem também manifestado outros temores, como o medo da privatização dos espaços e a sensação de abandono da comunidade acadêmica.

Outras faculdades aderem à greve

Apesar das reivindicações variarem conforme o curso, a principal entre os estudantes e a Adusp, é a admissão de professores e a reativação da contratação 'gatilho' – que consiste na reposição de aposentadorias, falecimentos e exonerações de professores e funcionários de forma automática.

No decorrer da greve, outras faculdades aderiram ao movimento, como a EACH (Escola de Artes, Ciências e Humanidades), a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Instituto de Psicologia (IP), a Faculdade de Economia e Administração (FEA), e a Escola Politécnica (Poli), este que não entrava em greve há décadas; além de outros institutos pertencentes à USP, como a Faculdade de Direito.

"Eu senti muito contraste do que as pessoas me falavam do que era a USP com o que eu estou vendo aqui. Com a falta de professores, de funcionários, você se questiona: 'Nossa, essa é a melhor universidade do Brasil e da América Latina?'. Foi um choque", afirma o calouro do curso de Arquitetura e Urbanismo, André Zumba.

A contratação de professores é uma pauta unânime em todos os cursos que aderiram à greve, mas outros institutos também exigem o uso pleno do espaço estudantil, cotas PPI (pretos, pardos e indígenas) para contratação de docentes, cotas trans, melhorias nas políticas de permanência, construção de creche, além da contratação de funcionários técnicos, que auxiliam os estudantes a manusearem equipamentos e máquinas específicas e essenciais para um melhor aproveitamento do curso.



Lambe-lambe ironizando o posicionamento da USP no ranking de melhor universidade da América Latina durante a greve



© Artur Maciel

Alunos
protestando
e hasteando
bandeiras
de seus coletivos
no dia 10 de outubro



© Artur Maciel

Frente do prédio
da diretoria da
FFLCH com cartaz
acima com os dizeres
"queremos estudar
e permanecer"

As cotas trans e PPI, tanto para docentes quanto para alunos, porém, não são uma demanda que todos os cursos buscam, afirmaram alguns estudantes. Atualmente, a USP tem 119 docentes pretos e pardos e um indígena em um total de 5 mil, segundo levantamento da revista Exame.

"É desesperador passar pelo processo da Fuvest e ter que lidar com vários problemas. Ouvindo vários veteranos reclamarem sobre falta de professores e problema para cursar matérias", completa Isadora Assis, também caloura de Arquitetura e Urbanismo.

Nem todos os professores apoiam

A aluna da FEA, Lenise Ribeiro, comentou sobre a posição contrária dos docentes. Para ela, os professores estão sendo desagraváveis em sala de aula. E por causa desse comportamento, os alunos também buscam melhorias na ouvidoria da faculdade, para os estudantes serem auxiliados com eficácia, principalmente em casos de assédio moral ou até comportamentos machistas vindo dos que lecionam.

Além disso, 139 docentes da FEA assinaram uma carta em que pedem a retomada das aulas e o fim da greve de alunos. As outras faculdades não se manifestaram desta forma.

Tiago Amaral, do curso de Artes Plásticas, diz que o cenário no curso dele foi diferente: "Vários professores nossos deram aulas abertas, e temos uma boa comunicação e uma participação bem legal deles", diz.

Já os estudantes da FAU, André e Isadora, contam que parte da diretoria achava

17 educadores suficientes para todo o curso. "Temos muitos professores que dão aulas em áreas que eles não são especializados", analisou Isadora.

O reitor da USP, Carlos Gilberto Carlotti, afirmou no programa Roda Viva, da TV Cultura, no final de agosto, que, desde 2014, a faculdade passa por uma crise financeira e tem diminuído o número de professores. Além disso, quando questionado sobre a falta de diversidade dentro do corpo docente, respondeu: "Não sei muito o que te dar, não tenho muito essa granularidade de informação".

"A luta pela contratação de educadores também influencia na sobrecarga que os professores contratados estão tendo", defende Julia.

A Adusp fez uma moção de repúdio à criminalização do movimento estudantil e sindical, na qual criticava a ação da reitoria e alguns diretórios que tratavam as ações como ilegais, ou buscam comparar a greve com movimentos extremistas. O posicionamento do grupo dizia que "manifestações e greves são direitos fundamentais, de dimensão coletiva, que promovem a defesa de demandas junto aos órgãos decisórios".

A importância da greve

"A greve consegue fazer as nossas pautas chegarem à reitoria", expõe Tiago. A perspectiva dos grevistas é, em grande parte, otimista. Julia afirma ser um "sentimento de esperança e de que as coisas vão mudar, mas ainda temos muita luta pela frente", refletiu.

A greve de agosto dos alunos de Artes Plásticas, resultou na contratação de 19 docentes, mas os estudantes seguiram com outras demandas. "A gente conquistou coisas que no começo do semestre pareciam irreais [contratação de 30 professores], agora elas parecem que não são suficientes porque não são", retoma Tiago.

Lenise também enfatiza a importância do movimento estudantil, que cresceu muito na USP: "Isso é ótimo porque sinto que todos os institutos estão muito mobilizados".

Além disso, é notória ainda a atuação de partidos dentro das demandas estudantis, com grupos como: Correnteza, União da Juventude Rebelião, União da Juventude Comunista, Afrontei!, Rebeldia, entre outros. A movimentação desses grupos, porém, causa alguns embates em momentos de falas, em que a posição dos estudantes é confundida com a ação dos jovens dos partidos. Segundo os alunos independentes, há uma falta de representação nas votações de assembleias e durante as reuniões com a reitoria.

As unidades do Largo São Francisco, a Faculdade de Direito e a Escola Politécnica foram as últimas a aderirem à paralisação, mas as primeiras a se retirarem após ações da reitoria. A Adusp suspendeu a greve, mas continua apoiando os alunos.

Devido a toda a movimentação dos estudantes e faculdades da USP, um termo foi assinado pelo reitor Carlos Gilberto Carlotti, no dia 10 de outubro, em que afirmava que a reitoria disponibilizará imediatamente 1.027 vagas docentes. Além disso, criará uma força tarefa para que os professores temporários sejam contratados em, no máximo, 45 dias.

Foram contemplados na decisão: a reativação do gatilho automático, que liberava a contratação de um professor para substituir um outro em caso de aposentadoria; a abertura dos restaurantes durante os sábados; a criação de uma comissão de acesso para alunos e docentes indígenas; a construção de creche na EACH e a concessão de bolsas de pesquisa e permanência, como o Programa Unificado de Bolsas (PUB) e o Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (Papfe).



© Artur Maciel

Visão do prédio de Letras

BRICS 2.0: novos membros indicam era de cooperação global

Inclusão de países promete transformar mercados, impulsionar inovações e redefinir as dinâmicas econômicas mundiais



© Gianluigi Guercia/Pool/AFP

Líderes da união do BRICS em Cúpula de Joanesburgo. Da esquerda para a direita: Luiz Inácio Lula da Silva – Brasil, Xi Jinping – China, Cyril Ramaphosa – África do Sul, Narendra Modi – Índia e o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov no encontro em Joanesburgo

Por Ana Clara Farias, Carolina Rouchou, João Pedro Lopes, Geovana Bosak e Rafaela Freitas

Em um cenário internacional cada vez mais dinâmico, o grupo **BRICS**, que tem seu nome formado pelas siglas dos países Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul, está prestes a passar por uma expansão significativa com a adesão de novos membros.

A entrada da Argentina, Emirados Árabes Unidos, Egito, Etiópia, Irã e Arábia Saudita no bloco, a partir de 2024, foi anunciada pelo presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, durante entrevista, em Joanesburgo. O anúncio foi recebido com expectativas e questionamentos, tanto por parte dos membros originais, quanto pelos observadores globais.

Com a inclusão dessas nações, o **BRICS** se fortalece como uma coalizão de países emergentes, unidos por objetivos econômicos e políticos comuns. Os novos membros trazem consigo economias em crescimento, populações jovens e mercados consumidores em expansão. Espera-se que essa difusão diversifique as áreas de *expertise* do **BRICS**. Além disso, a participação dos novos integrantes na produção de petróleo se expandirá para 43,1%, quase o dobro em relação à porcentagem anterior.

Impacto

A entrada de novos países no **BRICS** significa uma redistribuição do poder dentro do grupo. Os membros originais, especialmente China e Índia, podem ver sua influência diluída, mas ao mesmo tempo, ganham parceiros estratégicos em diferentes regiões do mundo. Haverá uma necessidade de negociar novas dinâmicas e coordenar políticas para garantir uma cooperação eficaz.

A expansão do **BRICS** pode ter implicações significativas na economia global. Com os países recém-chegados, o grupo passará a ter 29,3% do PIB mundial e, com seu crescimento, poderá desafiar a supremacia econômica tradicionalmente mantida pelos países desenvolvidos. A diversidade econômica do **BRICS** poderia levar a um sistema econômico global mais equilibrado e menos centrado em um punhado de nações.

Com a adição de novos membros, o **BRICS** também aumentou sua popularidade. São mais de 40 países que já demonstraram interesse em aderir ao bloco. Após o início de 2024, a união será formada por 46% da população global, mas, com o desejo de outros países de entrar no grupo, essa porcentagem pode chegar a exceder os 50%.

Os países desenvolvidos estão observando de perto essa expansão. Alguns veem o **BRICS** como uma ameaça potencial ao seu domínio econômico global, enquanto outros veem oportunidades de comércio e colaboração. A reação varia, mas é inegável que o **BRICS** está agora em uma posição mais forte para influenciar as dinâmicas globais.

Vantagens e Desvantagens para o Brasil

Para o Brasil, a entrada de novos membros no **BRICS** pode trazer vantagens significativas. A diversificação dos parceiros comerciais pode reduzir a dependência de mercados específicos, tornando a economia brasileira mais resistente a choques externos. Além disso, o nosso país pode se beneficiar do conhecimento e experiência dos novos membros em áreas como tecnologia e inovação.

No entanto, também existem desafios. A competição interna dentro do **BRICS** pode dificultar a defesa de interesses

específicos do Brasil. Além do mais, é crucial garantir que a expansão do bloco não leve a uma diluição de seus princípios fundamentais, como a promoção do desenvolvimento sustentável e a redução das desigualdades globais.

A entrada da Argentina, Emirados Árabes Unidos, Egito, Etiópia, Irã e Arábia Saudita no **BRICS** representa uma mudança significativa no cenário geopolítico e econômico global. O sucesso dessa expansão dependerá da capacidade dos membros originais e dos novos participantes de trabalharem juntos de forma eficaz, reconhecendo e superando as diferenças para promover objetivos comuns.



© Instagram@dilmarousseff

Presidente do Banco dos BRICS, Dilma Rousseff, durante seu discurso de posse

Características dos novos membros

Argentina: Uma das maiores economias da América Latina, traz para o **BRICS** uma perspectiva regional valiosa. Com uma rica base de recursos naturais e uma população educada, a Argentina poderia impulsionar a cooperação econômica e tecnológica dentro do bloco. Além disso, sua experiência em agricultura e indústria pode contribuir para a diversificação dos setores do **BRICS**.

Emirados Árabes Unidos: Como um dos principais centros econômicos do Oriente Médio, os Emirados Árabes Unidos (EAU) oferecem um sólido conhecimento em finanças, infraestrutura e energia. Sua entrada no **BRICS** pode fortalecer a cooperação em setores-chave, como petróleo, gás, tecnologia e comércio. Além disso, os EAU podem facilitar a ligação entre o bloco e outras nações da região, promovendo uma maior integração geopolítica.

Egito: Com sua rica história cultural e posição estratégica no Oriente Médio e no continente africano, o país traz ao **BRICS** uma perspectiva única. Sua economia em

© João Pedro Lopes



Bandeiras dos primeiros membros acima (Brasil e China) e novos membros abaixo (Emirados Árabes Unidos e Argentina)

crescimento e seu potencial no setor de energia renovável podem ser catalisadores para a cooperação intrabloco. Além disso, o Egito também pode desempenhar um papel crucial na facilitação do comércio e da colaboração com outros países africanos.

Etiópia: Uma das economias de crescimento mais rápido na África, é conhecida por seu setor agrícola robusto e por ser um centro de manufatura na região. Sua entrada no BRICS pode fortalecer a cooperação no desenvolvimento sustentável, infraestrutura e tecnologia agrícola. A Etiópia também pode trazer uma perspectiva africana vital para o bloco, fomentando laços mais estreitos com outros países do continente.

Irã: Abundante em recursos naturais, o país é uma potência regional no Oriente Médio. Sua *expertise* em setores como energia, indústria petroquímica e tecnologia nuclear pode ser valiosa para o BRICS. O Irã também pode desempenhar um papel significativo na promoção da paz e estabilidade na região, podendo gerar ramificações positivas para o bloco como um todo.

Arábia Saudita: Como um dos maiores produtores de petróleo do mundo, a Arábia Saudita pode fortalecer a posição do BRICS nos mercados globais de energia. Além disso, sua experiência em investimentos estrangeiros e infraestrutura pode catalisar o desenvolvimento econômico dentro do bloco. A entrada deste país também pode melhorar as relações do BRICS com outros países do Golfo Pérsico, abrindo portas para oportunidades de comércio e investimento na região.

O efeito expansor

O BRICS é um conjunto de países emergentes que sempre buscou desenvolver a sua influência política no cenário internacional. Através de iniciativas como o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) ou Banco do BRICS (atualmente presidido por Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil), o grupo incentivou projetos de infra-

estrutura, principalmente para as nações consideradas subdesenvolvidas.

A expansão não é um assunto novo para os fundadores. Xi Jinping, presidente da China, há anos busca ampliar o grupo e, com alternativas mais viáveis, conquistou o interesse de países em desenvolvimento. Ladislau Dowbor, professor de Economia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, explica: "A África está muito interessada, porque a China sabe fazer infraestruturas e eles precisam vitalmente disso. A China, diferente dos Estados Unidos da América (EUA), não olha a cor política para aprovar pedidos".

A nova conquista do grupo gerou comoção internacional e questionou a atual ordem mundial. O professor comenta: "O que vemos é uma reorganização política, uma reaproximação do conjunto daqueles que não estão vendo muito interesse em jogar pelas regras norte-americanas e esse interesse comum foi o que aproximou países tão diferentes".

Do lado de dentro, as perspectivas são mistas. A China fortalece a sua atuação global, enquanto o Brasil estreita relações com a potência e com um de seus principais parceiros comerciais, a Argentina. Por outro lado, o Brasil também corre o risco de perder influência dentro do grupo por conta da expansão, como diz Lia Valls Pereira, pesquisadora associada da Fundação Getúlio Vargas, em entrevista ao G1.

Apesar dos esforços em negar o BRICS como um contraponto ao G7 (composto por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido), a possível "ameaça" ao dólar também é favorável a este grupo, que investe nos países do BRICS, menos China, e vem sendo observada de perto por Washington e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Mesmo com a inclusão de aliados que tenham boas relações com os EUA, a entrada do Irã nos BRICS deu à mídia a ideia de que o grupo esteja se fortalecendo

como uma potência antiocidental. Em sua coluna para o Estadão, o analista político e professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Oliver Stuenkel, explica: "o regime de Teerã tem uma postura explicitamente antiocidental e fornece drones para Moscou para apoiar sua invasão à Ucrânia. Isso mudará a forma como analistas ao redor do mundo, mas sobretudo no Ocidente, enxergam o grupo BRICS".

O BRICS ameaça a hegemonia do dólar?

Em discurso na sede do NDB, banco do BRICS, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva questionou: "Quem decidiu que era o dólar a moeda depois que desapareceu o ouro como paridade?". A indagação à predominância do dólar como moeda global é vista como um desafio ao ocidente e corresponde à essência do BRICS, com uma ideia que se contrapõe ao domínio do norte global sobre a globalização e defende uma organização autônoma entre os países do bloco.

Segundo Ladislau Dowbor, a adoção de uma moeda única entre os membros do BRICS poderia ser benéfica para o Brasil, porque simplificaria transações comerciais entre os países, eliminando a necessidade de câmbio e transferência de custos associados. O professor explica que o debate sobre a criação de um sistema monetário de interesse comum e não só dos Estados Unidos, é um indicativo de que as pessoas estão pensando sobre uma nova arquitetura financeira mundial.

Novos membros do BRICS

A adesão plena dos novos países ao bloco começará em 1º de janeiro de 2024



Infográfico dos novos membros

© Sputnik Brasil

Crise climática: do aquecimento à ebulição global

Com o novo cenário, desastres ambientais serão cada vez mais frequentes ao longo dos anos e países do Pacífico sentenciados ao afogamento

Por Amanda Furniel, Beatriz Alencar, Felipe Assis, João Curi e Laura Melo

O ano de 2023 chegou como um dos mais quentes de toda a história. Ao que tudo indica, o mundo atravessa uma nova fase além do aquecimento do globo: chegou-se à era da ebulição global, termo utilizado para alertar sobre os riscos e a gravidade da aceleração desse processo, que está em curso há 180 anos.

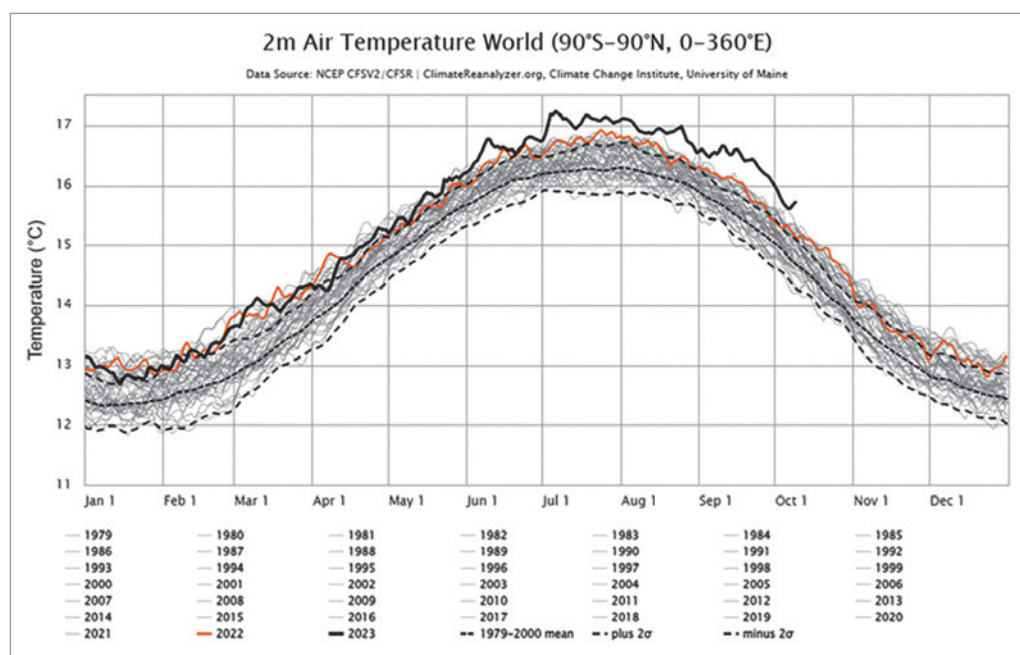
A nomenclatura foi cunhada pelo secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, durante uma coletiva em julho deste ano. O termo corresponde às consequências climáticas testemunhadas de maneiras drásticas este ano, como as ondas frequentes de calor, ciclones extratropicais e a seca na Amazônia. “A única surpresa é a velocidade das mudanças climáticas, que já estavam aqui. É assustador e é apenas o início”, alerta Guterres, em uma entrevista para o National Geographic Brasil. “A era da ebulição global chegou”.

O Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas (IPCC), divulgado no ano passado, comprova que os seres humanos foram os principais indutores do aumento da temperatura do planeta. O uso dos gases de efeito estufa, gerados pela queima de combustíveis fósseis ou pelo agronegócio, é um dos maiores causadores do aquecimento global e pouco existem medidas que combatam fatores.

No Brasil, a região Sul enfrenta tempestades e alagamentos nunca vistos anteriormente, os povos indígenas sofrem com a falta de alimento e o agronegócio, com o aumento das temperaturas, encara dificuldades no cultivo. Durante o mês de agosto, a cidade de São Paulo apresentou as maiores temperaturas históricas desse período, com 34°C. Em setembro, chegou a 36°C. Enquanto isso, outras cidades como Cuiabá, no Mato Grosso, e Oeiras, no Piauí, chegaram a ultrapassar 40°C.

Alerta de ebulição global

Este ano já é um dos mais quentes já registrados, atrás apenas de 2016 e 2020. De acordo com a Climatempo, julho foi considerado o mês mais quente na história do planeta, com temperaturas até 1,5°C mais altas do que a média pré-industrial e em torno de 0,75°C mais alta do que a média analisada entre 1991 e 2020. A concentração tão elevada de gases de efeito



A linha preta pesada no topo mostra que em julho de 2023 a Terra atingiu a temperatura geral mais alta já registrada. As temperaturas do ar de dois metros são compiladas através de uma série de medições em todo o mundo de temperaturas de 2 metros (cerca de 6 1/2 pés) acima da superfície da Terra

estufa tem desencadeado um processo de aumento da temperatura média da Terra. A Organização Meteorológica Mundial (OMM) estimou, em 98%, que pelo menos um dos próximos cinco anos seja o mais quente já registrado, ultrapassando temporariamente a marca de 1,5°C acima da média pré-industrial. O secretário-geral da OMM, Petteri Taalas, reitera a urgência de reduzir a emissão de gases de efeito estufa (GEEs). Especialistas afirmam que o principal fator de aumento das temperaturas são as emissões antropogênicas: as geradas pelo homem.

Desde a Revolução Industrial, o aumento do dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera segue uma linha constante e, desde então, é possível observar profundas alterações nas dinâmicas climáticas. O CO₂ e o metano são alguns dos gases de longa duração que aquecem o planeta e, devido à taxa excedente alavancada por ação humana, provocam um aumento anual na temperatura média da Terra. Com o modelo de uma sociedade de consumo, a aceleração foi valorizada nas linhas produtivas e isso afetou as relações de trabalho, bem como o (des)tratamento da natureza.

O antropólogo Almiros Guarani aponta que o termo “emergência climática” não

abrange todos os problemas ambientais em curso no planeta. “Não é o clima, por si só, que chegou a esse ponto”, declara. “O que nós vemos hoje é resultado dos últimos 300 anos, da Revolução Industrial, e daquilo que foi chamado de progresso, mas que desmata, polui rios, enche cada vez mais o planeta de boi”.

No Brasil, não é difícil reconhecer que grande parte da cobertura florestal hoje é campo ou cidade. Segundo levantamento da Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o bioma que abriga cerca de 70% da população brasileira e produz 50% dos alimentos consumidos no país sofre com um desmatamento equivalente a um Parque Ibirapuera (SP) a cada três dias. “A natureza, desde que ela foi separada da cultura, se transformou nisso”, alerta o antropólogo. “O que o homem fez foi um *naturicídio*, um *climatocídio*, e vai piorar cada vez mais”.

As mudanças climáticas extremas impactam a saúde, a economia e, principalmente, o meio ambiente. Guterres destaca a necessidade dos países desenvolvidos se comprometerem a atingir emissões líquidas nulas até 2040, enquanto as economias emergentes têm

até 2050, com o apoio externo. Estados Unidos, Rússia, Coreia do Sul, Índia e Brasil são os países que mais emitem gases de efeito estufa e, “por isso, recusam-se a diminuir a exploração. Se fizessem isso, sem dúvida, teríamos uma diminuição significativa nas emissões de GEEs”, aponta a professora e coordenadora do curso de Ciências Socioambientais da PUC-SP, Marijane Lisboa.

A sociedade científica alerta sobre a necessidade de conter esse aquecimento há mais de quinze anos, porém, no atual nível de emissão, a redução de gases do efeito estufa não estagnarão as drásticas mudanças de temperaturas. Com otimismo, no máximo estenderão alguns anos a mais, de forma com que as consequências sejam sentidas de maneira mais controlada.

De acordo com a OMM, no começo de 2020, em meio à pandemia do Covid-19, nem mesmo a baixa na produção do setor industrial foi suficiente para reduzir os níveis de gás carbônico na atmosfera de maneira significativa. Para Marijane, “agora não cabem mais medidas módicas”. A professora diz que seria necessário interromper a exploração de carvão mineral já, e não abrir novas frentes de exploração de petróleo e gás natural. “Ou seja, tudo o que o mundo não está disposto a fazer”, destaca.

Apesar dos avanços da tecnologia, a humanidade ainda não aderiu a alternativas sustentáveis. Ao contrário, mantém

os altos níveis de desmatamento e testemunha incêndios florestais cada vez maiores, como se observa no Canadá, que atingiu 14 milhões de hectares queimados entre janeiro e agosto deste ano.

Em 2022, a cidade de São Paulo chegou a produzir 12 mil toneladas de resíduos por dia, o que equivalente a um valor aproximado de um quilo de lixo orgânico e reciclável para cada habitante da capital paulista.

Na cultura indígena, a relação com a terra é filial. Mais do que um elo cosmológico e espiritual, é mãe biológica. Não tem preço. “As árvores são muito mais produtivas se ficarem de pé”, defende o antropólogo. “Se elas estiverem no chão vão produzir riqueza, sim, mas para uma parcela mínima da população”, afirma.

De acordo com um levantamento do MapBiomas, as imagens de satélite apontam que a perda de vegetação nativa no Brasil acelerou na última década, em grande parte devido à ocupação de solo para agricultura e pecuária. Nos últimos cinco anos, registrou-se uma perda de 12,8 milhões de hectares, o que representa um aumento de 120% em relação ao período entre 2008 e 2012, período anterior à aprovação do novo Código Florestal. O projeto ainda informa que, em 2020, as terras indígenas demarcavam até 110 milhões de hectares de vegetação nativa, o que corresponde a quase 20% do montante nacional no período. “Ao redor, tudo desmatado, colocando em risco a vida dos rios, onde corre a vida.

Nós não vemos a terra como um bem que serve ao capital. Ela serve à vida. E se nós não cuidarmos dela, a mãe morre e o filho vai morrer junto”, decreta Almiros.

Impactos na fauna e flora

Em meados de 1800, os cientistas já questionavam quais seriam as consequências das indústrias e da poluição. Somente a partir da década de 1950, a junta científica se preocupou em medir a dimensão do CO2 acumulado na atmosfera.

Com a nova fase de ebulição global, as mudanças que viriam em 100 anos foram abruptamente adiantadas, o que contribui com a maior incidência de desastres naturais e agrava a acidificação dos oceanos. Nessa linha, a vida animal é forçada a se adaptar ou a migrar de seus habitats naturais para escapar da extinção. No panorama atual, “estima-se que um terço dos corais, dos moluscos de água doce, dos tubarões e das arraias, um quarto de todos os mamíferos, um quinto de todos os répteis e um sexto de todas as aves estão prestes a desaparecer”, descreve a jornalista Elizabeth Kolbert, em seu livro *A sexta extinção* (2015) – vencedor do prêmio Pulitzer.

Dados mais alarmantes revelam que 42,1 mil espécies já estão ameaçadas de extinção, segundo levantamento da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Ainda, as mudanças climáticas e o uso excessivo de pesticidas provocaram a redução de 75%



Almiros Martins

da massa de insetos voadores nos parques naturais desde 1990, em especial a diminuição das abelhas, responsáveis pela polinização de cultivos essenciais à alimentação humana em todo o mundo. “O que importa não é saber se Flora ou Fauna será mais afetada, mas reconhecer que a humanidade experimentará enormes catástrofes”, alerta a professora Marijane.

No Rio Grande do Sul, o ciclone extratropical provocou enchentes que causaram a morte de mais de 29 mil animais, entre bovinos, suínos e aves; bem como a perda de 370 caixas de abelha e mais de 35 toneladas de peixe, segundo relatório da Emater-RS. No Hemisfério Norte, incêndios florestais têm se agravado, principalmente no Canadá, na Grécia e no estado do Havaí, nos Estados Unidos.

Países prestes a afundarem

Em decorrência do degelo das calotas polares e do aumento da temperatura dos oceanos, o nível do mar aumenta de forma acelerada e ameaça afundar nações inteiras, principalmente as ilhas do Pacífico. De acordo com o Serviço Mundial de Monitoramento das Geleiras (WGMS), o volume de água proveniente dos processos de degelo quintuplicou nas últimas quatro décadas, chegando a 850 milímetros entre 2010 e 2018. Na Groenlândia, registrou-se uma perda de 247 bilhões de toneladas de gelo entre 2012 e 2016, o que é sete vezes maior que os registros do período entre 1992 e 2001.

De 2006 a 2015, o aumento do nível do mar correspondeu a um índice anual de 3,6 milímetros, segundo a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA, em inglês). Esses números representam uma ameaça urgente aos países insulares do Pacífico, como as Maldivas e o Kiribati, que apresentam

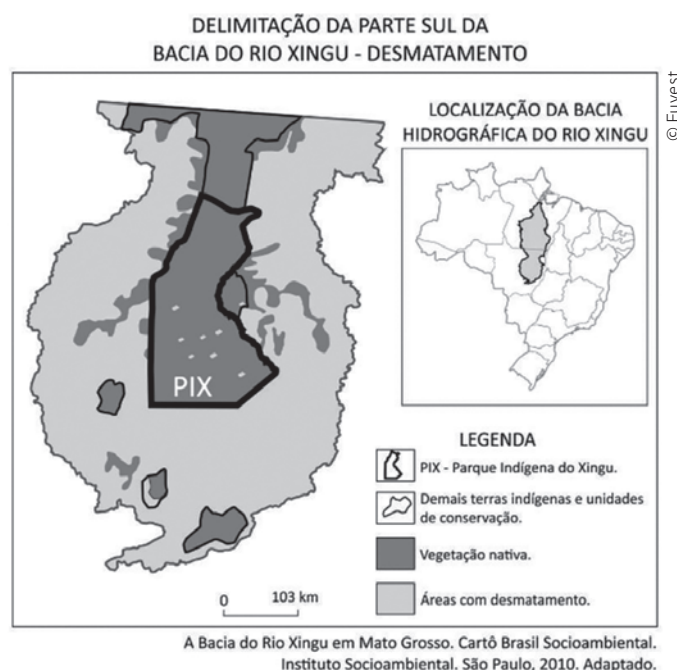
as menores elevações do mundo – com 1 metro e 1,8 metro acima do nível do mar, respectivamente. Segundo estimativas da União de Cientistas Preocupados (UCS, em inglês), uma organização centrada na proteção ambiental, esses dois países podem perder mais de dois terços de suas terras para o mar até 2100.

A preocupação também recai sobre as cidades costeiras ao redor do mundo, principalmente as grandes capitais e localidades mais precárias. A capital Jacarta, na Indonésia, foi considerada a cidade mais rápida a inundar, com um crescimento de até 25 centímetros do nível da água todo ano. Até 2050, prevê-se que 95% da porção norte já esteja submersa. Nessa linha, outras grandes cidades também estão ameaçadas de afogamento até o fim deste século, como Lagos, na Nigéria; Houston, Nova Orleans e Miami, nos Estados Unidos; Dhaka, em Bangladesh; e Bangkok, na Tailândia.

Na última Conferência do Clima das Nações Unidas (COP-27), sediada em Sharm el-Sheikh, no Egito, criou-se um fundo de perdas e danos para financiar países mais vulneráveis aos desastres climáticos, ao mesmo tempo que reconhece a responsabilidade dos Estados que mais contribuem com essas mudanças.

Tuvalu é um dos primeiros países previstos a desaparecer em razão das mudanças climáticas. O país localizado no Pacífico é composto apenas por três ilhas de coral e seis atóis, com uma extensão de terra menor que 26 km². Em três décadas, estima-se que metade da capital Funafuti estará afundada. Até 2100, Tuvalu será considerada inabitável. Diante disso, um quinto da população já se realocou em outros países, principalmente na Nova Zelândia.

Mapa do desmatamento na Bacia do Xingu em questão do vestibular da Fuvest, em 2018



É possível furar a fila do transplante?

Entenda o processo de identificação, captação e distribuição dos órgãos no Brasil

Por Beatriz Brascioli e Giovanna Takamatsu

Quando foi revelado que o apresentador Fausto da Silva, mais conhecido como Faustão, estava internado devido a um problema no coração, e que precisaria de um transplante para sobreviver, o Brasil se questionou se teria que se despedir da personalidade. Após apenas 22 dias, entretanto, o país se surpreendeu com o anúncio de que a equipe médica havia conseguido um doador, e que iriam prosseguir com o procedimento.

Muita desinformação acerca do caso estava em circulação. Discussões e indagações surgiram nas redes sociais. A maioria questionava sobre a rapidez do processo – tendo em vista os pacientes que morrem esperando um órgão –, surgindo até comentários afirmando que o apresentador teria “furado a fila de transplante”, ou que, por conta de seu status, foi privilegiado.

O Bê-á-bá do transplante

Todos os pacientes que necessitam de um novo órgão são cadastrados pela equipe médica transplantadora no Cadastro Técnico Único (CTU), um banco de dados do Sistema Nacional de Transplante do Ministério da Saúde. Nesse cadastro são incluídos dados pessoais, assim como uma ficha complementar, incluindo tipagem sanguínea (sistema ABO) e histocompatibilidade (sistema HLA) – que compara a compatibilidade genética entre doador e receptor –, além de características anatômicas (peso e altura) e limite de idade que será aceita para o receptor.

Essas informações são critérios “eliminatórios”, que determinam potenciais receptores para o recebimento de um órgão, uma vez que, se não houver compatibilidade entre doador e receptor, a rejeição pelo organismo é certa. O critério cronológico é levado em consideração, mas nem sempre definidor.

Se existirem, por exemplo, três receptores compatíveis com o doador, nem sempre o que está a mais tempo vai receber. Isso porque a gravidade do caso é critério prioritário. Se as circunstâncias forem similares, aí sim pode ser definido pela data de inscrição no CTU.

“Para todo órgão existem critérios de gravidade onde as pessoas passam na frente das outras na fila cronológica. Ah, mas por que tem isso? Porque a gente acha que é importante ter isso, porque beneficia mais gente. Geralmente, o critério de priorização é a gravidade”, explica Leonardo

CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DE RECEPTOR

CRITÉRIOS PARA DEFINIR UM POTENCIAL RECEPTOR

- 1. COMPATIBILIDADE DO SISTEMA ABO:** o grupo sanguíneo do receptor tem que ser compatível com o do doador. Por exemplo, o tipo A tem que receber de um tipo A, mas pode receber também do O- (que é doador universal).
- 2. COMPATIBILIDADE DO SISTEMA HLA:** é a compatibilidade genética. Válido apenas para transplantes de rim.
- 3. COMPATIBILIDADE ANATÔMICA:** critérios antropométricos (peso e altura) e etários para se certificar que o órgão doado vai ser adequado para o receptor.
- 4. TEMPO DE ESPERA:** quem está a mais tempo esperando tem prioridade.
- 5. GRAVIDADE DO CASO:** normalmente é um fator prioritário.

*É importante notar cada órgão possui outros critérios próprios. Esses são os comuns para a maioria dos órgãos, mas **nem sempre seguem essa ordem específica**. A partir deles, vão sair os nomes dos possíveis receptores, já ordenados de acordo com as normas do Ministério da Saúde.

Gráfico sobre os critérios de definição dos receptores

Borges de Barros e Silva, médico coordenador da Organização de Procura de Órgãos (OPO) da Faculdade de Medicina da USP, para o **Contraponto**.

Entretanto, ainda existe mais um critério “eliminatório”, que é a condição clínica do receptor. “E a pessoa que vai receber o órgão precisa estar em condições de receber o órgão naquele momento. Por exemplo, o paciente pegou Covid essa semana, está na fila lá por um rim. Apareceu um órgão, saiu lá como primeiro nome. A equipe vai lá, e (o paciente) está com Covid. Contra-indicação. O médico, o cirurgião não podem, o urologista não pode aceitar o órgão para mim”, explica Silva.

Dessa maneira, entendemos o porquê de o Faustão ter conseguido um novo coração em um relativo curto período de espera. “Ele foi priorizado por causa da urgência. Ele era um tipo B. No estado de São Paulo, a fila (do tipo B) é pequena. Tem pouca gente esperando. Em média é uma espera de 40 dias, 45 dias na fila”, afirma o médico.

De acordo com o especialista, outro fator também interferiu na agilidade do transplante do apresentador. “Faustão teve um pouquinho de sorte, porque tinha uma pessoa priorizada tipo B na frente dele. Que na hora que apareceu o coração, ela não estava em condições de receber o órgão porque estava infectada”.

De onde vem os órgãos?

Existem dois tipos de doadores: os vivos e os falecidos. A maioria das doações vem de pacientes falecidos. “Para transplantes renais, por exemplo, em torno de 30% dos transplantes são feitos através de doadores vivos e 70% do doador falecido. Ou seja, a maioria dos transplantes, mesmo de rim, os órgãos vêm de doadores falecidos”, aponta Silva.

É importante notar que apenas pessoas que sofreram morte encefálica (ausência total de atividade cerebral) podem ser doadores. Dessa maneira, o primeiro passo é a identificação da morte encefálica, que leva ao segundo momento, que é o diagnóstico propriamente dito.

“Existe um paciente com uma catástrofe neurológica, que pode melhorar, mas pode piorar e evoluir para a morte encefálica. Piorando, existindo a suspeita, a gente vai fazer o diagnóstico da morte encefálica, que é regulamentado via resolução do Conselho Federal de Medicina”, complementa o médico.

Confirmado o diagnóstico, o especialista afirma que a família do paciente será notificada e informada da possibilidade de doação dos órgãos. É importante ressaltar que no Brasil, somente a família pode consentir. “A doação no Brasil é consentida. Então, é uma lei de consentimento informado, ou seja, ela é consentida pela família”.

Cerca de 60% das famílias concordam com a doação. Existem pessoas que se opõem à doação, mas é necessário entender a situação que a família se encontra: acabaram de perder um ente querido. “A família vai escolher num momento muito difícil. E tem um estranho pedindo um órgão para você, pedindo a doação, frente a um conceito novo que a maioria não conhece. O conceito de morte cerebral”, enfatiza o entrevistado.

Após a autorização da família, a Organização de Procura de Órgãos (OPO), que coordena o hospital onde o paciente estava, é notificada. A equipe médica da Organização, então, irá examinar e coletar informações sobre o doador, além de analisar a viabilidade dos órgãos. Uma vez que tudo está de acordo com os protocolos, os dados são enviados para a Central Estadual de Transplante, que irá emitir uma lista com todos os receptores compatíveis com o doador, já com os critérios de desempate aplicados. A OPO irá entrar em contato com a equipe médica do primeiro nome, que poderá aceitar ou não o órgão.

Transtornos alimentares sob a influência de Hollywood

Como os filmes ultrapassam a ficção e se tornam uma realidade doentia na atualidade

Por Eduarda Basso, Gabriela Jacometto, Giulia Cicirelli, Helena Maluf e Rafaela Eid

No final do século XX, a idealização de um corpo perfeito pautado pela prevalência do corpo magro, estabeleceu a aversão aos outros tipos de corpos ao pensamento social. O impacto publicitário das indústrias de cosméticos e da moda assistidos nos filmes hollywoodianos, que reforçavam esse padrão de beleza, difundiu uma forte pressão relativa à alimentação das pessoas. A propagação de dietas que prometem o emagrecimento e, conseqüentemente, levam ao caminho do sucesso físico, intitulou, para além das telas, a demonização da comida e o desenvolvimento de transtornos alimentares.



© Reprodução: ABC

Cena do filme *The Best Little Girl in the World*, de 1981

Atualmente, as redes sociais são fundamentais na difusão da cultura do corpo magro, mas os filmes de Hollywood não deixaram de ter um papel significativo no imaginário social. Como consequência do processo de normalização, da insatisfação corporal e valorização de uma imagem corporal específica nas produções, os transtornos alimentares, combinados com fatores psicológicos e biológicos, se manifestaram amplamente. O corpo e a sua imagem passaram a ser construídos socialmente por meio da assimilação de conceitos e representações culturais.

Como o nome indica, esses distúrbios resultam de um transtorno no domínio dos hábitos alimentares e caracterizam-se, num extremo, pela ingestão alimentar excessiva ou pela restrição alimentar. A alimentação saudável e sem a demonização de alimentos, como os carboidratos, é deixada de lado e aparecem os comportamentos alimentares desviantes – que afetam particularmente adolescentes e jovens, levando a prejuízos psicológicos e sociais, além do aumento de morbidade e mortalidade.

A anorexia nervosa, a bulimia nervosa e o transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP), são alguns dos exemplos de transtornos que podem ser ocasionados. Junto de outras características individuais, como a genética, a interiorização de crenças e valores transmitidos pela família, sociedade e mídia como um todo.

A magreza passa a ser cobiçada, pois é considerada um fator social importante e ligado à beleza, ao sucesso e à feminilidade, no caso das mulheres. Não à toa que são esses mesmos ideais que são pregados nas produções hollywoodianas.

Segundo Ísis Gois, nutricionista com aperfeiçoamento em saúde coletiva pela Universidade de Taubaté e especialização em comportamento alimentar pela Faculdade Global, a partir do final do século XX e começo do século XXI, os filmes, por estarem envolvidos na cultura popular do Ocidente, passaram a apresentar as mulheres como objeto de consumo, refletindo na maneira que a sociedade e elas mesmas se enxergam.

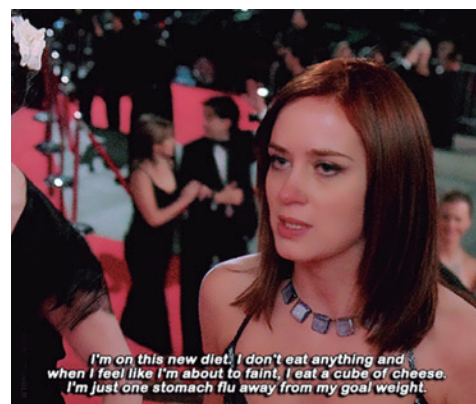
“A magreza sempre foi colocada de maneira que a mulher [magra] era mais sedutora ou mais bondosa ou a principal do filme, ou seja, tinha características positivas associadas a uma mulher magra. Quem não tinha o corpo próximo com o que era colocado nas telas, começou a ter mais insatisfação corporal. Isso é um reforço muito forte. Ainda hoje vemos esse processo, mas aconteceu uma capilarização, hoje a gente está tendo uma representatividade maior com relação à pluralidade de corpos”, diz Ísis.

A magreza retratada em filmes

Desde 1980, Hollywood produz filmes que retratam e reiteram distúrbios alimentares com uma variedade de abordagens. Filmes como *O Diabo Veste Prada* (2006) são frequentemente acusados de glamourizar a pressão para manter uma magreza extrema na indústria da moda. *Cisne Negro* (2010) também representa uma visão extrema da pressão sobre as bailarinas para manter um corpo magro e perfeito. Já *Meninas Malvadas* (2004) retrata a obsessão com a dieta e a busca por um corpo perfeito.

Essas narrativas podem, inadvertidamente, contribuir no desenvolvimento de transtornos alimentares e estereótipos negativos sobre pessoas que não têm os corpos retratados nos filmes. Com anos marcados por um mundo da moda onde a diversidade de corpos era nula, Hollywood impactou gerações. “O que a gente via muito nesses filmes, além dessa pressão

estética, era uma gordofobia muito exacerbada. E esses comportamentos eram vistos nesses filmes. Então, com a demonização da comida, a pessoa que tinha um corpo gordo, um corpo maior, é colocada de forma hilária em filmes quando está comendo. Esses comportamentos dicotomizavam não só o corpo magro”, comentou a nutricionista.



© Reprodução: Netflix

“Eu estou numa nova dieta, eu não como nada e quando sinto que estou prestes a desmaiar, eu como um pedaço de queijo. Estou a um vômito do meu peso ideal.” Cena de *O Diabo Veste Prada*



© Reprodução: Netflix

“Eu realmente quero perder 3 pounds (1,5 kg)”. Cena de *Meninas Malvadas*

A percepção dos distúrbios alimentares nas estrelas de Hollywood

O filme *O mínimo para viver* (2017), estrelado por Lily Collins, trouxe à tona o tema dos transtornos alimentares e como eles são debatidos na sociedade. Na obra, a protagonista lida com o drama da anorexia. Com cenas intimistas, o filme transporta os telespectadores na jornada de convivência de alguém que sofre com a doença. Sem perspectiva de cura, a personagem se encontra vivendo dias em que a comida se torna sua maior inimiga.



© Reprodução: Netflix

Imagem do filme "O mínimo para viver" estrelado por Lily Collins

Mas o longa se torna muito mais profundo quando Collins revelou em uma entrevista que já sofreu com distúrbios alimentares. Em entrevista à revista *Shape*, a artista disse que não sabe identificar a doença que enfrentou, tendo dificuldades em compartilhar que estava sofrendo: "Eu pensava que ao falar sobre meu transtorno em relação à comida, eles ofuscariam minhas conquistas como atriz, mas eu também sabia que isso era algo que eu precisava para seguir em frente como atriz e ser humano."

Ao se preparar para o filme, Lily diz que sentiu medo ao interpretar Ellie por conta dos gatilhos que a personagem poderia despertar na atriz, mas, no final, o processo de filmagem a ajudou ainda mais na cura dos distúrbios. "No final, foi um presente poder voltar a um passado que já vivi, mas agora de modo mais maduro".

A atriz não é a única celebridade a sofrer de transtornos alimentares em Hollywood. Jane Fonda, Hilary Duff, Jennette McCurdy já falaram abertamente sobre como enfrentaram os distúrbios alimentares. Em um ambiente onde a pressão estética e a obsessão por magreza andam lado a lado, é quase impossível não ceder à pressão de ter um corpo perfeito e suas formas de conquistá-lo.

McCurdy, que interpretou Sam na série-adolescente *iCarly*, contou ao *Huffington Post*: "Como uma atriz infantil trabalhando em Hollywood, eu logo aprendi que me manter mais magra me daria mais chance de conseguir papéis em Hollywood", a atriz desenvolveu anorexia com apenas 11 anos. Desde cobranças da própria mãe, até comentários dos próprios produtores de TV, Jennette ficou obcecada com seu peso e com cada

alimento que ingeria, "fazia exercícios obsessivamente e media a minha cintura toda noite antes de dormir".

Mesmo que indiretamente, filmes hollywoodianos continuam promovendo padrões de beleza baseados em corpos que não conseguem coexistir com uma vida saudável. Com relação a essa problemática, Ísis Gois reitera a necessidade de que Hollywood promova uma diversidade maior em seus projetos, "Sempre pensar na diversidade de corpos maiores, mas também de questões étnico-raciais, e também questões de pessoas cis, pessoas trans, enfim, porque isso também está envolvido no aspecto social de como as pessoas vão se ver em sua identidade, no seu comportamento alimentar e como isso se perpetua, também, dentro de um comportamento individual."

Como esse discurso afeta as celebridades masculinas?

Uma das percepções marcantes sobre esse tópico é que ele se tornou pouco comentado em relação aos homens, alguns passam uma carreira ilesos desse assunto. Além de terem uma indústria inteira ao seu lado, muitos chegam a compactuar com o tratamento negativo sobre as mulheres e acabam usando esse privilégio a seu favor.

Em entrevista ao **Contraponto**, o psiquiatra Eduardo Kawakami explica que a tendência de desenvolvimento dos transtornos alimentares é maior nas mulheres, já ocorrendo na adolescência, com o risco de se desenvolver dos 14 aos 18 anos. "Existem alguns estudos que dizem que pode ocorrer de 10 a 14 casos a cada 100 mil pessoas, a cada 100 mil meninas ou mulheres e diminuindo para

1,8 de número de casos a cada 100 mil homens. Então, tem uma prevalência menor para os homens", afirma.

Em algumas produções cinematográficas, quando um homem é considerado "fora do padrão" tem algum tipo de protagonismo, ele possui um enredo de inclusão e muitas vezes as suas características não são nem sequer mencionadas.

Enquanto isso, mulheres que seguem um padrão diferente do que a indústria hollywoodiana exige, existe todo um enredo desenvolvido ao redor de sua aparência e peso. Muitas vezes, as atrizes nem sequer são consideradas para um papel, afinal, muitos produtores acreditam que a aparência de uma personagem é capaz de mudar completamente o enredo de uma produção.

Ao mesmo tempo que a indústria favorece os homens, é importante mencionar que ela ainda carrega a sua parte de exclusão em cima de alguns atores. Muitas produtoras também recusam a participação de homens que estão acima do peso, pois não possuem o físico desejado para interpretar um super-herói, por exemplo. Os homens considerados dentro do padrão chegam a colocar seus corpos em risco, praticando treinamentos muito intensos e dietas extremas apenas para se encaixar no que é exigido para interpretar os papéis.

O discurso do corpo perfeito foi e é normalizado ao longo dos anos dentro de uma indústria que prega a perfeição e que influencia o público ao redor do mundo. Mesmo quando essa suposta perfeição é alcançada, não é o suficiente, fazendo com que a procura por essa imagem irreal seja incessante.

Do gramado para as redes: Influenciadores digitais no futebol

Entenda como as redes sociais estão revolucionando a comunicação do esporte mais popular do país

Por Antônio Bandeira, Christian Policeno, Gustavo Pereira e Kauã Alves

O futebol sempre foi uma paixão presente no cotidiano de muitos brasileiros. Em todo botequim de esquina ou nas rodas de amigos da escola, o esporte das quatro linhas se fez um tema recorrente. E com a criação das redes sociais e o avanço da propagação de informação por meios digitais, conseguir acompanhar as últimas novidades do esporte bretão se tornou ainda mais fácil.

Na palma da sua mão, a apenas um deslizar de dedos pelo *feed* do Instagram, um influenciador digital proporcionará de imediato a escalção do seu time do coração e poderá também revelar os bastidores da final do principal campeonato do esporte.

Leandro Oliveira, de 21 anos, estudante e aficionado por futebol, afirma que a vontade de acompanhar os bastidores do seu time, o São Paulo, foi um dos principais motivos para seguir diversos criadores de conteúdo nas plataformas digitais. Ele diz também que, por conta de uma rotina apressada e pela falta de informação especializada do clube do seu coração na televisão, recorreu aos canais de Youtube e influentes digitais para se manter informado. “Hoje acompanho futebol muito mais pelas redes sociais do que pela TV”, conta.

Tiago Herani, estudante de jornalismo e apaixonado por futebol, escolheu se tornar um influenciador digital por não concordar com a forma como era discutido o esporte nos programas de debate na televisão. O jovem diz que acompanhava esses quadros e acreditava que muitas vezes a discussão era levada de uma maneira pouco especializada: “Eu escolhi essa profissão (influenciador) porque eu queria melhorar a forma que o futebol é consumido no Brasil”.

Hoje, dois anos após a criação do seu perfil nas plataformas digitais, Herani já acumula mais de 100 mil seguidores e cerca de 1,8 milhões curtidas em uma só plataforma. Seus vídeos sobre análises táticas de times do mundo todo têm alcançado horizontes que nem ele mesmo imaginava, como receber uma curtida do renomado técnico italiano, Antônio Conte: “Quando você olha só os números, você não tem noção, mas quando você vê uma pessoa que te reconhece e fala que gosta do seu conteúdo, é muito louco”, afirma o universitário.



O influenciador digital, Tiago Herani, produzindo conteúdo para as suas redes sociais

Em 2022, Casimiro Miguel, *streamer* e influente digital, surpreendeu ao anunciar que iria transmitir os jogos do principal evento esportivo mundial, a Copa do Mundo, em seu canal do Youtube. Disputando com gigantes, como a Rede Globo, o influenciador bateu recordes de audiência e na eliminação do Brasil contra a Croácia, nas quartas de final da competição, atingiu um pico de mais de seis milhões de espectadores simultâneos em sua *live*. A forma irreverente e descontraída das transmissões não agradou apenas o público, como também as marcas: foram 11 patrocinadores ao todo investindo no projeto.

Leandro diz não acreditar que a linguagem da internet seja melhor do que a da TV, mas sim diferente, o que faz com que os jovens tenham maior identificação com o conteúdo: “O influenciador fala o que pensa de um jeito mais livre de se comunicar. Além disso, o público é diferente, voltado para pessoas mais novas e a televisão para um público mais adulto”, conclui o fã.

Os entrevistados ainda relatam que a internet possibilitou alcançar, ainda muito cedo, um espaço importante de comunicação com um público massivo e fez com que todos pudessem mostrar a sua voz: “Para mim é um poder muito grande que está em nossas mãos. A internet dá a possibilidade de você criar

uma imagem sua que pode ser melhor do que um currículo bem-feito. Eu acho que a força do digital de você criar um perfil que tem uma certa autoridade, que é reconhecido e que cria uma boa imagem, possibilita muitas coisas boas no ramo”, declarou Herani.

Entretanto, o *influencer* alerta que as redes sociais também têm questões a serem melhoradas. Para além da questão dos *haters*, termo usado para se referir a pessoas que fazem comentários de ódio e críticas sem muito critério, o produtor de conteúdo diz que muitos ainda utilizam do sensacionalismo para ganhar engajamento: “Vai ter um milhão de perfis que só querem ter engajamento, e acabam dificultando o trabalho dos que querem fazer uma coisa mais justa de forma geral”.

Já a influenciadora digital esportiva, Flavia Bandoni, que soma mais de 186 mil seguidores nas suas redes sociais, explana sobre um dos maiores problemas da sociedade, que se arrasta do futebol para internet: o machismo.

Segundo a produtora de conteúdos, comentários como “vai lavar louça” ou “tinha que ser mulher para falar isto”, ainda acontecem. Para Bandoni, a saída dessas situações é exatamente não dar atenção: “Infelizmente, ainda existem essas situações, mas eu lido ignorando, eu não respondo porque se eu responder eu vou dar palco, e eu não quero dar palco para essas pessoas”.

Bandoni também conta sobre a importância das mídias sociais para que as mulheres tenham mais espaço para falar do esporte, algo que sempre foi raro nos veículos tradicionais de comunicação: “Muitos desses meios tradicionais estão buscando influenciadores para aparecerem no programa, para conseguir rejuvenescer a comunicação deles. Então por que não trazer mulheres? E, felizmente, eu os vejo trazendo cada vez mais mulheres para comentar”. Segundo ela, ainda é um meio muito dominado por homens, porém a quantidade de mulheres vem crescendo, principalmente falando sobre o futebol feminino.

Outro ponto positivo que a internet trouxe, comparada com as empresas tra-

dicionais esportivas, é a diversificação do local de origem dos produtores de conteúdo. Em um concurso realizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para selecionar um time de *influencers* para a cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2023, feito em parceria com a organização Arara e através de votação popular, foram selecionados sete produtores de conteúdos digitais. Entre os sete selecionados, três eram do Nordeste, dois do Sudeste, um do Centro-Oeste e um do Norte. A pluralidade de lugares é uma possibilidade que a internet traz, quebrando com um padrão da mídia tradicional de concentrar apresentadores e comentaristas do Sudeste, especialmente do eixo Rio-São Paulo, que também costuma ter o foco das notícias guiadas por times desses mesmos locais.

A comprovação da virada de chave na comunicação esportiva pode ser vista em números. Segundo o estudo “Marcas em campo! O futebol e a mídia dentro e fora das 4 linhas”, do IBOPE, 68% dos brasileiros conectados à internet são fãs do esporte. Entre os declarados fãs, quatro em cada dez são mulheres. Também de acordo com levantamento da principal plataforma global de mídias sociais, a Meta, 55% dos torcedores responderam que acompanharam conteúdos sobre a Copa do Mundo de 2022 nas redes sociais controladas pela empresa (Facebook, Instagram e WhatsApp).

Diferente da abordagem genérica das comunicações tradicionais, os influenciadores podem atender apenas um nicho. Por isto, é crescente o número de canais no YouTube, perfis no Instagram e até programas de web-rádio que tratam apenas de um determinado clube, muitos deles sendo liderados por jornalistas, que, em um movimento de migração de mídias tradicionais para as independentes, têm mudado a forma de acompanhar o esporte. Nomes como o do periodista Fabiano Baldasso, do Canal do Baldasso ou de Gabriel Reis, do canal Paparazzo Rubro-Negro, optaram por seguir suas carreiras jornalísticas produzindo conteúdo para os torcedores dos seus respectivos clubes, Internacional e Flamengo.

Da mesma forma, as emissoras de televisão também têm utilizado a internet como um instrumento para se comunicar com os seus telespectadores de forma mais direta, além de criarem conteúdos exclusivos, por meio de enquetes,

postagens nos ambientes sociais digitais e até mesmo transmissões exclusivas, produzindo conteúdos transmidiáticos. O canal de televisão, SBT, por exemplo, tem realizado simultaneamente as partidas televisionadas em sua emissora e uma *live* pelo YouTube com narração alternativa focada em alcançar um público diferente. Segundo a empresa, essa é uma forma mais “bem-humorada” de contar o futebol. Além disso, logo após os jogos, o canal oficial da emissora no Youtube transmite a chamada “Futlive”, o conhecido pós-jogo que foi transportado da televisão para a internet.

Outro exemplo é o canal de YouTube da rede de TV, TNT Sports Brasil, antigo Esporte Interativo, que conta com mais de 10 milhões de inscritos. Além dos conteúdos tradicionais, como os que passam na TV aberta, a empresa traz conteúdos interativos e descontraídos, com um modelo de “jogo” entre os apresentadores, mudando a dinâmica das tradicionais mesas redondas e aproximando seu conteúdo de um público mais jovem.

Junto a isso, é comum ver jornalistas das empresas tradicionais utilizarem seus perfis pessoais em redes sociais como forma de trabalho, assim como os *influencers*. Bruno Formiga e Vitor Sérgio Rodrigues, dois renomados comentaristas da TNT Sports, que possuem, ambos, mais de 300 mil seguidores em suas páginas de Instagram, nas quais se auto intitulam “criadores de conteúdos digitais” e produzem material próprio, em paralelo com seus contratos com a televisão. Isso demonstra como há uma mudança quanto aos veículos da comunicação esportiva.

Herani confessa que no começo de sua carreira pretendia trabalhar algum dia em um veículo de comunicação esportiva tradicional, mas que com o novo cenário apresentado, não tem mais essa ambição: “Com o tempo eu fui percebendo que dentro da internet eu tinha muito mais possibilidade de crescimento, além de mais liberdade criativa e uma carga de trabalho mais flexível”. Por outro lado, o estudante de jornalismo também não fecha as portas para que possíveis convites de participações especiais em tais programas aconteçam: “Eu quero ter um perfil grande na internet, que me possibilite ser convidado para alguma transmissão, para algum projeto específico. É o caminho que eu gosto mais”.

Porém, é importante pensar que o mercado tradicional tenta a todo tempo se aproveitar dos produtores de conteúdos digitais, levando-os para dentro das empresas e mantendo com eles, grande parte do público. Recentemente, a Globo fechou contrato com *influencers* renomados para diversificar seu público e aumentar o engajamento de suas páginas oficiais. A ideia inicial era de “troca”, com benefício para ambos os lados. A empresa cresce sua audiência, ao mesmo tempo que os produtores de conteúdos independentes ganham a exposição da Globo, além da estrutura da empresa. Para isso, esses profissionais precisariam de pelo menos 500 mil inscritos em seus canais no YouTube ou 100 mil seguidores em seu Instagram.

Esses fatores mostram que a comunicação esportiva está vivendo uma revolução e esse é só o começo. A quantidade de seguidores, visualizações, patrocínios e consumidores desse tipo de conteúdo só tende a crescer, possibilitando uma mudança brusca na comunicação do esporte mais popular do país. Se antes as mídias sociais eram uma escada para chegar aos veículos tradicionais de comunicação, atualmente, o cenário é outro: as redes se tornaram o objetivo final.



A influenciadora digital, Flavia Bandoni em um jogo válido pelo campeonato paulista

A torcida que conduz dentro e fora do estádio

Projetos sociais promovidos pelas torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube mostram que esporte e boas ações devem caminhar juntos

Por João Pedro Stracieri, Lucca Ranzani e Nathalia de Moura

O São Paulo Futebol Clube encarou grandes obstáculos nos últimos anos. O time teve que lidar com a seca de títulos, gestões turbulentas, trocas de técnico excessivas e, em 2017, lutou contra o seu rebaixamento. Considerada o maior patrimônio do clube, a torcida esteve presente em todos os desafios.

Os torcedores sempre apoiaram o time, lotando o Morumbi e batendo recordes em vários jogos. Mas algo que chama atenção é que “a torcida que conduz” (termo criado pelos próprios são-paulinos) também faz o seu papel fora das arquibancadas.

Diversas ações sociais ligadas ao clube são promovidas durante o ano e muitas delas são criadas pelas torcidas organizadas, como a Torcida Tricolor Independente (TTI) e Dragões da Real (DDR).

que têm desempenhado um papel positivo na sociedade.

A Torcida Independente é um exemplo que, além de apoiar intensamente o time, realiza ações sociais, como a arrecadação de alimentos, roupas e cobertores.

Há também iniciativas direcionadas às crianças, que têm a chance de conhecer os ídolos e aproveitar um dia divertido no centro de treinamento do clube localizado no Estádio do Morumbi. A torcida incentiva a prática de esportes como boxe e jiu-jitsu, além de encorajar a participação na bateria mirim da organizada.

Para participar, há apenas uma exigência: as crianças devem atingir boas notas na escola. Assim, elas se empenham ainda mais nos estudos, pois sabem que terão a oportunidade de vivenciar esses eventos.

A Dragões da Real é outra organizada que apoia o Tricolor Paulista nas arquibancadas e promove movimentações populares na capital e no interior através de suas subsedes – filiais das organizadas. As unidades da Dragões em Itu e em Araçatuba, cidades do interior do estado de São Paulo estão ativamente comprometidas em ações que envolvem doações de mantimentos e festas em datas comemorativas.

Em ação promovida em maio de 2022 pela subsede de Jaú, também do interior paulista, houve até mesmo doação de aparelhos auditivos.

Essas iniciativas não só beneficiam a comunidade, mas também promovem valores positivos como solidariedade, empatia e responsabilidade social. Além disso, contribuem para melhorar

a imagem da Torcida Independente e da Dragões da Real, mostrando que estão comprometidas com algo além das rivalidades esportivas.

É importante valorizar as ações positivas realizadas pelas organizadas e incentivá-las a continuar contribuindo para o bem-estar da sociedade. Ao mesmo tempo, é fundamental que sejam

tomadas medidas para eliminar a violência e garantir a segurança nos estádios e em eventos esportivos.

A linha de frente

Quem é beneficiado pelas doações certamente se enche de gratidão. João Carlos Sousa, diretor da Falange Tricolor, já foi uma das pessoas beneficiadas pelas ações da própria torcida. “Eu tinha uma filha e ela ficou internada e precisou de doação. A torcida se juntou, fizemos uma festa e ela ganhou muitas fraldas geriátricas”.

A ação também contou com doações de sangue para ajudar a filha de João nesse processo. Ele destaca a importância da ação promovida pela Falange e o trabalho nesta área social. “Fiquei feliz, porque faço parte da torcida. Não é só futebol. Nós sempre procuramos ajudar e fazer ações sociais todo ano. Nosso lema é esse: juntos seremos mais fortes”. Infelizmente, alguns anos depois, a filha de João Carlos veio a falecer.

O sentimento de empatia também se manifesta naqueles que estão atuando nas iniciativas, como acontece com a Paloma Felix, integrante da Dragões da Real há 12 anos. Em entrevista ao Contraponto, ela conta que ajuda na organização das ações desde que tornou-se parte da torcida. “Na época, a Dragões tinha uma parceria com uma ONG (Organização Não Governamental) na Zona Norte e todas as ações sociais eram feitas em uma comunidade de lá”.

Atualmente, graças ao apoio às atividades beneficentes, os eventos da torcida expandiram-se pelo Brasil afora. Nas subsedes da Dragões, a maioria dos integrantes se organiza na própria cidade de acordo com a decisão das diretorias organizadas para realizar os eventos. As sedes também se unem quando precisam atender um número maior de pessoas.

Atualmente no departamento social da DDR, Paloma explica que cerca de 10 a 15 pessoas se mobilizam para tirar as ideias do papel. “Os voluntários nos ajudam na arrecadação dos brinquedos, na alimentação que será servida durante o evento. Às vezes, também fazemos algumas rifas dentro da torcida para podermos arrecadar verba”, conta a organizadora.

A são-paulina enfatiza o sentimento de realização pelo sucesso da iniciativa. “Uma ação, quando bem planejada, feita com o coração e sem pensar na visibilidade ou no retorno financeiro, toca as pessoas de uma maneira diferente”.

© Lucca Ranzani



Torcida do São Paulo em jogo no Morumbi

A solidariedade das organizadas

Pode ser definido como “torcida organizada” o grupo de torcedores que veste a camisa do time do coração e acompanha fielmente as partidas nos estádios.

Muitas pessoas costumam ter uma impressão negativa dessas organizações devido à violência associada a alguns de seus membros. No entanto, existem torcidas

Os projetos contam com o apoio dos torcedores da organizada, que unem as demandas sociais à paixão pelo time. “As pessoas acreditam e se mobilizam de forma espontânea. Não dá para construir algo em cima de um interesse que não seja o de ajudar pessoas. Fazer isso com algo que envolve o que amamos, que é o São Paulo, torna tudo mais prazeroso”, explica Paloma.

O diretor de marketing da Torcida Falange Tricolor, Anderson Costa, explicou ao Contraponto as expectativas para a abertura de um departamento social para a resolução dos projetos comunitários. “Não iremos parar por aqui. Fazemos ações com as crianças, mas pretendemos visitar os idosos, fazer doações de sangue, visitar mulheres em vulnerabilidade, e por aí vai. Estaremos sempre contribuindo e ajudando”, afirma Costa.

O diretor destaca que os associados e os não associados se empenham em abraçar as causas, principalmente por não contarem com ajuda do clube oficial. “Não utilizamos nada que se refere ao clube diretamente, apenas da nossa própria torcida. Neste primeiro momento, nossos recursos são obtidos através de vaquinhas online, rifas e arrecadações”.

O responsável pelo marketing da Falange Tricolor conta que não houve nenhum evento em que todas as organizadas do São Paulo estiveram envolvidas, mas também não foram motivo de conflitos, porque “todas buscam e lutam pela mesma causa, mas individualmente”.

O compromisso do clube com o povo se estende ao longo do ano com a realização de ações voltadas para diferentes contextos sociais.



© Rubens Chirri

Ações do Outubro Rosa promovida pelo SPFC

A participação do clube nas crises humanitárias

Ao longo de sua história, o São Paulo Futebol Clube desempenhou um papel significativo em ações sociais e destacou-se como um clube comprometido com o bem-estar da comunidade. A abertura do estádio Morumbi como um dos locais de vacinação durante a pandemia de Covid-19 e pontos de arrecadação de alimentos, por exemplo, destacaram o compromisso do clube com a saúde pública e a segurança da comunidade.

Não são raras as vezes em que o São Paulo abriu as portas do seu estádio para arrecadar doações em solidariedade às vítimas de desastres. Durante as enchentes no litoral de São Paulo e no Rio Grande do Sul, a instituição incentivou os torcedores e a comunidade a contribuir com suprimentos essenciais para serem distribuídos para as áreas afetadas.

Outra faceta importante do senso coletivo do São Paulo FC é a arrecadação de alimentos. O clube promove campanhas de coleta em parceria com seus torcedores regularmente. Em março de 2021, o Estádio Morumbi recolheu alimentos não perecíveis entregues pela população para a confecção de marmitas. A doação arrecadou mais de 600 bandejas por dia fornecidas às pessoas em vulnerabilidade social.

Espaço para as mulheres

A visibilidade das mulheres também é tema de campanha para o SPFC. O mês outubro rosa segue com programação de conscientização da detecção precoce e do apoio a pacientes e sobreviventes da doença nas redes de comunicação. Outra causa acolhida pela equipe é o combate à violência contra a mulher. Numa partida contra o Santos Futebol Clube no Campeonato Brasileiro em maio de 2022, o clube paulista, que é integrante da Coalizão empresarial pelo Fim das Violências Contra Mulheres e Meninas, expôs nos telões do estádio informações em prol da causa, além de veicular ajuda virtual para mulheres em situação fragilizada.

Para coordenar todas essas ações sociais, o clube mantém um departamento de responsabilidade social dedicado ao desenvolvimento de programas contínuos de impacto social. “O São Paulo implementou em 2018 um núcleo de responsabilidade social para que consiga identificar causas sensíveis em relação às quais não se pode permanecer passivo, tendo a transformação social através da atuação do clube como grande objetivo, acima de qualquer monetização da solidariedade”, relata o documento da Direção do São Paulo FC, de Carlos Augusto de Barros e Silva, presidente entre 2017 e 2020, que enfatiza a preocupação com o povo brasileiro.



© Reprodução: Dragões da Real Jaú – SP

Ação de dia das crianças promovida pela subseleção de Jaú

A competição invisível dos atletas: o impacto da saúde mental no esporte

Por trás dos triunfos nas quadras e campos, o cuidado psicológico é colocado em prova quando os profissionais buscam pela excelência esportiva

Por Ana Beatriz Villela, Daniel Santana, Gustavo Romero e Luciana Zerati

No dia 10 de outubro, celebra-se o Dia Mundial da Saúde Mental, e no universo esportivo, a busca pela excelência é uma constante, com a saúde mental dos atletas passando de tabu para uma das questões mais valiosas nesse ambiente. Com a maior profissionalização desportiva, o psicológico dos atletas se tornou muito importante nas competições. Nas atividades de alto rendimento, a saúde física sempre teve as maiores atenções de médicos, imprensa e torcedores, deixando de lado a parte mental dos profissionais que em grandes decisões podem ter o rendimento afetado. Com a percepção de sua importância, federações olímpicas trouxeram esses assuntos à tona e instituíram a necessidade de psicólogos no meio.

A importância da saúde mental no cenário esportivo

De acordo com Geovanna Peronico, psicóloga esportiva, a relação entre o bem-estar psicológico e o desempenho esportivo é direta, uma vez que o tratamento pode até mesmo ajudar na saúde física e elevar o rendimento. “A abordagem da saúde mental pode otimizar o desempenho, aprimorar a concentração dos atletas, auxiliar na gestão da pressão e na manutenção do foco durante as competições; prevenir lesões, pois a ansiedade e o *Burnout* também podem afetar a exaustão física do atleta, com efeitos como a falta de sono, perda de rendimento e outros fatores”, explica.

Em grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas de verão ou Copa do Mundo de Futebol, a pressão exercida nos competidores é desproporcional e as pessoas que veem de fora podem sentir. Geovanna comenta sobre as consequências desse estado, já que a pressão e a competição podem gerar estresse e ansiedade: “A falta

de cuidado com os aspectos psicológicos pode gerar problemas como esgotamento, depressão e transtornos de ansiedade, que podem afetar o desempenho e a vida pessoal do atleta.”

Sobre a visão externa da população, a psicóloga contou que são vistos como não-humanos “por serem ícones de alta performance, esses profissionais muitas vezes são vistos como robôs e podem se sentir sobrecarregados e vulneráveis a emoções negativas como ansiedade, depressão, medo e raiva.”

O risco não está restrito apenas aos atletas profissionais. Muitos praticantes amadores também enfrentam a pressão de atender a grandes expectativas pessoais, que, quando não são atingidas, podem exercer um impacto significativo em seu bem-estar psicológico. Geovanna aponta que todos estão em risco devido às suas próprias expectativas, e às dos treinadores: “Por estarem expostos e influenciados a ter um alto desempenho, os profissionais são muitas vezes vistos como robôs”, diz.

A especialista também salienta que embora a pressão psicológica possa ser um desafio para muitos praticantes, é importante perceber que nem todos enfrentam o mesmo nível de pressão. “A personalidade, as características individuais e a resiliência mental de cada pessoa podem afetar como lidam com a pressão”, explica.

Fatores de risco para problemas de saúde mental em atletas

Entre os principais elementos que podem influenciar a questão mental desses profissionais, destacam-se as lesões. A pressão constante para dar o seu melhor desempenho, juntamente com o medo de se machucar, pode gerar um fardo emocional significativo. Além disso, em caso de lesões, há a incerteza sobre o retorno ao esporte e o receio de comprometer a carreira, sendo aspectos que merecem atenção e suporte especializado.

As expectativas elevadas constituem outro fator crítico na equação da saúde mental dos praticantes de exercícios físicos. A demanda por resultados excepcionais, muitas vezes imposta por agentes externos e internos, pode criar uma atmosfera de tensão constante. A necessidade de corresponder às

expectativas, somada à necessidade de superar desafios físicos e mentais, pode gerar uma pressão psicológica extenuante. A natureza competitiva do desporto muitas vezes impulsiona os atletas a buscar a perfeição, aumentando a probabilidade de enfrentar desafios emocionais e psicológicos.

O isolamento, embora muitas vezes imperceptível, é um terceiro fator de risco crucial para a saúde mental desses profissionais. A vida esportiva pode se tornar incrivelmente exigente, o que pode resultar em uma sensação de isolamento social e emocional. A separação de amigos e familiares, combinada com a necessidade de se concentrar exclusivamente para o desporto, pode criar um ambiente propenso à solidão.

Em entrevista ao **Contraponto**, Cristiano Lima, psicólogo esportivo, explica como o auxílio de um profissional da área pode ajudar a superar esses desafios mentais. Segundo ele, assim como os atletas têm profissionais específicos para desenvolver habilidades técnicas e táticas, a psicologia também possui um trabalho mais desenvolvido. “O psicólogo vai trabalhar em como desenvolver e entender as emoções, como gerenciar e quais técnicas utilizar na prática esportiva nos treinamentos e competições”.

Ele complementa a importância do profissional em entender que o desenvolvimento faz parte de um processo cognitivo: “A memória, a atenção e a percepção envolvem e podem influenciar os resultados. O atleta junto com o psicólogo pode trabalhar nesses recursos mentais e utilizar esses aspectos a favor do rendimento, mas sempre com um olhar pensando na saúde mental.”

Impacto dos problemas do bem-estar mental no desempenho

A resiliência mental é uma qualidade fundamental que os atletas devem adquirir para enfrentar as inevitáveis derrotas e lesões ao longo de suas carreiras. E com a concentração comprometida devido à ansiedade e à depressão, o indivíduo pode cometer erros críticos durante as competições, minando o desempenho e a confiança. A perda de motivação derivada desses problemas pode levar a uma diminuição na dedicação aos treinamentos e às competições, comprometendo a sua carreira.

Além disso, a relação íntima entre saúde mental e física é evidente, com problemas mentais frequentemente desencadeando sintomas físicos, como insônia e fadiga crônica, que prejudicam

© David Madison/Getty Images



O Coliseu de Los Angeles, nas Olimpíadas em 1984

o desempenho esportivo. A tomada de decisão comprometida, fruto de estados emocionais instáveis, pode ter impactos nas competições.

Atletas de renome, apesar de seus triunfos na área, não estão imunes a esses desafios. Um exemplo notável é a ginasta Flávia Saraiva, que teve de enfrentar adversidades em sua carreira, que além das questões físicas, em 2018, ela também teve de lidar com desafios emocionais. Durante sua participação em um debate na Liga Nescau Summit de 2021, um congresso direcionado as profissionais de educação física, Flávia revelou que enfrentou o *Burnout* – distúrbio associado à exaustão e geralmente vinculado ao excesso de trabalho.

“Em 2018, eu tive *Burnout*. Foi um momento muito difícil, porque eu queria muito permanecer treinando no ginásio e não conseguia. Não foi um *Burnout* físico, mas mental. Eu fiquei dois meses sem dormir. Dormia três horas por noite e treinava sete horas por dia. Eu entrava no ginásio e já falava: ‘preciso ir embora’. Eu falei com a minha psicóloga: ‘Não tenho medo de executar os exercícios. Mas, na hora, minha cabeça não sabe o que fazer’. Eu amo a ginástica, é o que mais amo na vida, e não conseguia”, contou Flavinha.



Flávia Saraiva nas Olimpíadas de Tokyo 2020/21 após *Burnout* em 2018

A intensidade dos treinamentos, competições constantes e as altas expectativas podem criar um ambiente propício para o surgimento de *Burnout*. Atletas que sofrem desse problema frequentemente enfrentam sintomas como fadiga persistente, falta de motivação, desempenho abaixo do esperado e até mesmo sintomas físicos, como insônia e dores musculares. Essa condição pode prejudicar significativamente o desempenho, afetando a qualidade do treinamento, a tomada de decisões em competições e a paixão pelo esporte.

“Quadros de *Burnout* são mais comuns em atletas do que gostaríamos, porque, na prática, são pessoas que estão sempre superando limites. Transtornos mentais em atletas de alto desempenho têm uma incidência ainda maior por causa desse estresse”, disse Eduardo Cillo, psicólogo

do Esporte do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), em entrevista para a CNN.

Outro ponto é a resistência mental que envolve a habilidade de aprender com as derrotas, manter a motivação, manter a confiança e superar as lesões, permitindo que os praticantes de exercícios físicos continuem avançando em direção aos seus objetivos, independentemente dos obstáculos no caminho. O psicólogo esportivo, Cristiano Lima, destaca como o mundo esportivo exige que os praticantes desenvolvam resiliência devido à demanda por alto rendimento, e que isso se torna especialmente evidente quando ocorre uma lesão: “Quando um atleta se lesiona, geralmente retorna mais forte devido ao período de reflexão durante o qual enfrenta o estresse emocional. Esse período de desafio permite que ele se adapte, compreenda o processo de recuperação e, finalmente, supere as adversidades, fortalecendo-se no processo.”

A importância das redes de apoio

Num ato de bravura e vulnerabilidade, a superestrela do tênis, Naomi Osaka, desistiu do Aberto da França em maio de 2021, alegando preocupações com seu bem-estar mental. Os meios de comunicação e as redes sociais explodiram rapidamente e Osaka enfrentou admiração e condenação globais.

Outros atletas de destaque, como Serena Williams, Usain Bolt e o defensor da saúde mental, Michael Phelps, também expressaram rapidamente seu apoio quando a organização se ofereceu para pagar a multa de Osaka. Pouco tempo depois, a ginasta Simone Biles ficou de fora voluntariamente de vários eventos nas Olimpíadas de Tóquio, realizada em 2021, desencadeando um debate global sobre saúde mental no esporte.

Os exemplos citados de profissionais de alto nível que dão prioridade ao bem-estar, aliados aos esforços coordenados em toda a indústria esportiva, estão provocando uma transformação significativa sobre o tema nesse meio.

Eles estão ampliando a conscientização em relação a várias dinâmicas da carreira desportiva que representam ameaças ao bem-estar, mostrando aos seus colegas de profissão como a busca implacável pela perfeição e melhoria contínua; a intensa pressão pública por vitórias; a demanda constante para superar adversários e o fato de que carreiras no esporte podem se encerrar abruptamente devido a lesões, podem afetar seu bem-estar.

O jogador de futebol, Alisson Castro, que integra o elenco do São Paulo, compartilhou com o Globo Esporte que enfrentou o início de um quadro depressivo no fim do ano passado e início deste ano e solicitou sua saída do clube após uma série de lesões e da derrota do Tricolor na final da Copa Sul-Americana de 2022: “Passei

por momentos muito difíceis, na final da Sul-Americana eu machuquei a coxa. Perdemos o título, e eu não queria ficar fora dos jogos. Volto contra o América-MG, faço até o gol da vitória, mas em um treino, além da coxa, sinto uma dor no tendão. Foi um momento em que me cobrei muito por darem esse voto de confiança.”

Alisson falou que a esposa foi a sua principal companheira nessa luta: “Minha esposa passou por uma depressão e ela foi minha grande ajuda, que não me deixou em nenhum momento ficar me isolando. Tenho uma gratidão por minha família que passou isso comigo que alguns mesmo de longe me ligavam sempre. Agradecer também ao São Paulo e a psicóloga, por hoje vivenciar esse momento. Eu só tenho que agradecer às pessoas por ter superado as dificuldades.”



Alisson em entrevista no São Paulo

Conscientização e o apoio da mídia no gerenciamento do bem-estar mental para atletas

A conscientização sobre esse tópico e a redução do estigma associado às questões de saúde mental se tornaram essenciais. Atletas de elite, organizações esportivas e a mídia desempenham papéis na promoção de conversas abertas sobre o tema e na quebra de barreiras que historicamente cercaram essa questão no esporte.

Atletas que alcançaram o topo de suas modalidades estão utilizando sua influência não apenas para compartilhar suas conquistas, mas também para dividir suas experiências sobre a saúde mental. Essa transparência é fundamental para mostrar que a busca da excelência não exclui desafios emocionais. Além disso, as organizações desportivas estão cada vez mais cientes de sua responsabilidade em criar ambientes de apoio para seus profissionais, implementando programas de bem-estar mental e recursos para garantir que os profissionais da área tenham acesso ao suporte de que precisam. A mídia também desempenha um papel fundamental ao destacar histórias de resiliência, ajudando a inspirar conversas mais abertas e a divulgação do entendimento de que a saúde mental é uma parte fundamental da jornada de um atleta.

© Eduardo Rodrigues

Ensaio fotográfico Videoteca

Por Romulo Santana

Em sua edição passada, o Contraponto 137, publicou a reportagem “Do prestígio ao abandono da Videoteca da PUC-SP”, sobre o descaso com o acervo que preserva parte da história mundial – sobretudo brasileira. Quando a matéria chegou aos corredores da Universidade, os estudantes que não sabiam da existência do acervo de vídeo, se perguntaram: O que há atrás da porta no espaço reservado aos funcionários? Tal questionamento não está calcado na simples nostalgia e sim na curiosidade, que deve fazer parte do corpo discente e de toda comunidade universitária.

Os bibliotecários informaram o aumento pelas buscas no acervo, há estudantes com ciência de que as memórias preservadas, agora podem ser vistas. Ainda existem tantas questões quanto às medidas que precisam ser tomadas, mas uma coisa é certa, a diversidade de conteúdo, presente naquele acervo não cabe nas poucas imagens deste ensaio, este acervo merece ser apalpado, assistido, reassistido e rebobinado.



Estantes abrigam a produção nacional que ainda não está no streaming PUCPLAY



A ABVP era referência em vídeos populares alternativos e fomentava debates sociais sobre a história do Brasil



Este é apenas um dos artigos que remete à memória de Paulo Freire



A imensidão do acervo



O psicodrama é estudado por estudantes de direito e psicologia e tem gerado debates em sociedade, a videoteca tem parte dessa história



O VHS duplo de Titanic se tornou um item de colecionador

Obrigado pela rosa

Por Ramon Baratella

“OBRIGADO PELA ROSA”, “OBRIGADO PELO MILHO”, são frases aleatórias que aparecem de repente em meu celular, não faço ideia de onde surgiram ou de onde vem e por qual motivo todos em minha volta estão falando sobre. Em um dia específico na faculdade, vou andando até minha sala de aula, localizada no terceiro andar, comento com meus amigos sobre as famigeradas “Lives Npc”, ao contrário do que muitos pensam, essa não é uma trend recente.

Para os desavisados de plantão ou para os que vivem debaixo de uma pedra, “NPC” nada mais é que uma sigla para “Non Playable Character”, aqueles personagens que não possuem função alguma no game, mas estão ali só para repetir uma frase e preencher espaço na tela, praticante figurantes de uma novela das nove. Um bom exemplo dessas figurinhas são os fantasmas do clássico Pac-man, você não brinca com eles, estão apenas habitando a interface do jogo de forma aleatória.

Esperando a professora iniciar a aula, me viro aos meus colegas e faço a seguinte pergunta: “Amigos, vocês já leram algo sobre essas lives?”, a resposta foi “sim” e meu amigo comenta sobre elas estarem ligadas a um lugar de fetiche, mas nós só estamos falando sobre garotas se vestindo de animaizinhos meigos que podem ser manipuladas por qualquer um atrás de tela de vidro do celular, né?

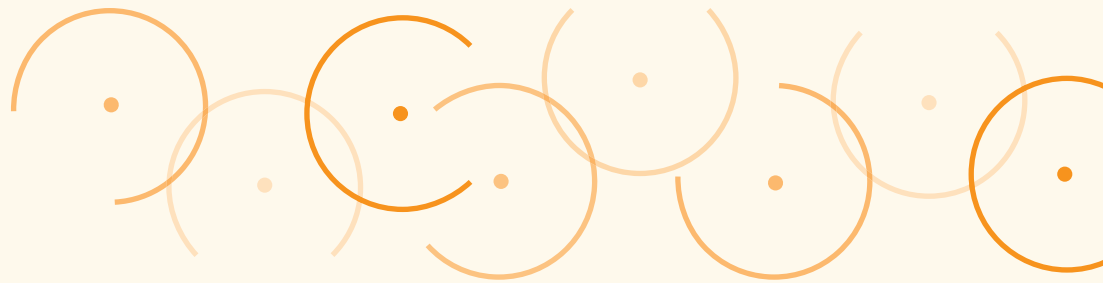
“Hmm Jefferson caminhões” ou “Quero cuzcuz”, acho que este foi meu primeiro contato com essas bizarrices, obviamente viralizou no lar dos memes, também conhecido como o falecido Twitter, o atual X. Com os olhos da mídia voltados para isto, cada declaração me faz perceber que estamos vivendo uma espécie de “Black Mirror”, e não é que isso daria um ótimo episódio.

Em uma entrevista ao The New York Times, a criadora de conteúdo PinkyDoll – uma das primeiras a aderir essa trend por lá – contou que juntou por volta de 3 mil dólares apenas soltando seu bordão diversas vezes. Então quer dizer que eu posso comandar os movimentos de uma pessoa por simplesmente clicar em qualquer coisa e assim gerar uma frase da personagem? Uau! Isso sim que é poder.

Até então, ninguém sabia que esses “programas” de movimentos repetidos, “bugadas” robóticas e características específicas poderiam gerar lucro, quando essa informação fura a bolha, obviamente foi uma explosão de diversas pessoas tentando ganhar alguma quantia com esta exposição. O debate estava no cardápio, escolher problematizar este assunto ou levar apenas como um “meme”.

Vasculhando mais a fundo você percebe os mais variados personagens que foram “criados”, alguns mantêm o clássico estilo de videogames japoneses e outros simplesmente zoam a situação, como uma enfermeira exausta com suas olheiras marcadas agradecendo pelo café.

Não vou mentir, estar no último ano da faculdade e com o pé na vida adulta, me fez repensar inúmeras vezes em largar tudo e simplesmente me vestir de coelho do Animal Crossing, será que me daria uma renda extra? Caso queira saber do meu paradeiro, descobri que o Tiktok está reduzindo a monetização das lives e infelizmente terei que entregar meu tcc até o fim do ano.



Obras de modernização

Por Giuliana Barrios Zanin

EU SAÍ DE CASA com três horas de antecedência para não me atrasar. Larguei tudo o que eu tinha para pegar o trem que saía de hora em hora. Quando me acomodo no assento acoplado à janela, uma voz doce e sedutora se exalta.

— O trajeto com destino à Luz está interditado entre as plataformas de Jundiapéba e Poá.

Tudo por “obras de modernização”.

Pego outro ônibus e chego na plataforma Poá-Luz.

Passam-se 10 minutos.

20 e nada.

“É uma palhaçada isso aqui! A gente já vive isso de segunda à sexta. Até domingo?”, ouço uma senhora encostada em uma das colunas da estação, comentando com outra mulher que parecia não prestar atenção.

O relógio parecia que não andava.

“Eu não posso me atrasar”, penso como se só eu não tivesse permissão para perder o ponto. O trem chegou depois de 45 minutos.

Cheguei a tempo do sinal do início da peça.

Dito e feito. O relógio vira a hora. 17 horas agora.

“Piiiiiiii”

“Piiiiiiii”

“Piiiiiiii”

Três avisos e as portas se fecham.

Sento-me, mas não relaxo.

Pelo jeito não sou a única.

Enquanto uns ainda se acomodam, a performance se inicia na plateia.

Denise Fraga interpreta o monólogo “Eu de você”.

Som ao vivo, instrumentos físicos.

Me estranhei por tudo ser real: os objetos, as personagens, as pessoas.

Como assim não há projeções ou reproduções tão modernas recriadas por inteligência artificial no palco?

Denise corre de um lado para o outro em euforia.

Coloca água para ferver, toma banho, acorda as crianças, ninguém quer ir para a escola, “tem que ir”, come, escova os dentes, põe a roupa, calça o sapato, coloca comida para os cachorros, “cadê a chave do carro?”, deixa as crianças, vai para o trabalho. Tec tec tec por 10 horas.

O chefe pediu uma apresentação para às 10. São 8:43.

Terceira xícara de café do dia.

Mais “tec tec tec” e leva a apresentação ao chefe. Ele quer algo mais moderno.

— Refaz.

São 9:48. Reunião cancelada. Remarcada para amanhã.

Amanhã é domingo. Dia de descanso.

Denise tinha marcado na agenda de ir ao parque com as crianças, mas se faltar o chefe não vai perdoar. Dito e feito.

Denise chegou uma hora e cinco minutos atrasada porque a linha 9-Esmeralda, que pega todo dia, havia pegado fogo. Faz parte do show de modernização da linha. “Um pouco abusivo o horário que você chega, não?”, opinam os diretores da empresa.

Quando ela chega ao escritório, o chefe já estava com uma apresentação “mais moderna” no projetor (foi feita pelo ChatGPT em 5 minutos).

“Eu falei que não precisava correr”, comenta um dos colegas com quem ela disputa uma vaga de aumento na empresa.

O teatro fica um silêncio, a não ser por um celular que não para de apitar.

“Desliguem os celulares”, gritam vozes do além.

Um homem sentado na fileira anterior a minha não sai do celular. Mas são negócios de trabalho. Ele veio acompanhar o esposo. Há demonstração de amor maior que essa? Abdicar do trabalho para acompanhar o marido numa peça? Isso é o que eu chamo de amor.

Mas pelo o que eu vi, até agora, ninguém saiu do lugar.

Um estrondo surpreende as pessoas que atendiam a atenção ao cenário infinito branco e outras que assistiam ao espetáculo de olhos fechados.

“O silêncio é um espaço não vazio livre de palavras”, recita Denise em solo seco.

O que tem nesse espaço, então? Me reviro no meu lugar.

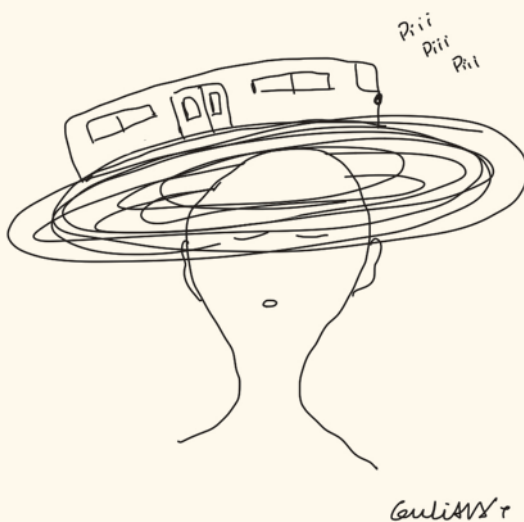
Alguém me responde? Ou ela falou, só por falar, coisas bonitas sem sentido?

Essa modernidade que inventa coisas e não termina.

Ela deixou todos em silêncio.

Alguém me responde?

Eu acordei. A peça acabou?



A transformação das livrarias: os novos formatos no modelo de negócio da área editorial

Fechamento das megalivrarias e abertura de pequenas livrarias de bairro evidenciam as mudanças do mercado no Brasil

Por Lucas Malagone, Felipe Volpi Botter e Marcelo Barbosa

Durante décadas, ir à livraria era considerada uma ocasião social. Perdíamos horas e horas de nossas vidas ao folhear um livro, conversar com pessoas, pedir indicações de literaturas, tomar um café. Porém, as megalivrarias acrescentaram um salto nesse mercado como grandes lojas de departamentos, a exemplo da Livraria Cultura.

Porém, até mesmo antes da pandemia do covid-19, as livrarias estão cada vez mais vazias a cada ano, com dívidas e fechando as portas. Em 2021, devido ao isolamento social, a Amazon ganhou muita força por ser uma plataforma exclusivamente online, onde se oferecem livros, DVDs, brinquedos, tudo sem sair de casa.

A Fnac, que saiu do Brasil em 2008, chegou a ter 12 megalojas em oito estados diferentes. De certa forma, era um ponto onde muitos jovens paulistas se reuniam, mesmo quando esse movimento já demonstrava a crise no setor. As dificuldades de recuperar o segmento foram se agravando conforme o tempo, atingindo seu auge com o fechamento da última loja física da Saraiva, no dia 21 de setembro deste ano.

O professor da PUC-SP e jornalista, Fabio Cypriano, analisa que existe uma transformação no setor, das megalojas para um novo modelo. “Não existe uma derrocada das livrarias, existe uma transformação no modelo de negócio. As grandes livrarias foram muito imprudentes, como a Livraria Cultura. Não acredito que tenha a ver com a diminuição do hábito de leitura, não à toa surgiram, ao mesmo tempo, outras livrarias como a Megafauna, que está no Copan atualmente”.

Em entrevista ao jornal Tribuna de Minas, a economista e professora de Master

in Business Administration (MBA) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Carla Beni, enxerga esse cenário como primordial para entender a sociedade de hoje. Ela observa que ocorre um fechamento das unidades das grandes redes, em contrapartida à abertura de algumas pequenas unidades com modelos de negócio nichados. No caso das grandes redes, é preciso entender que o modelo de negócio conta com gastos de igual tamanho, e sofre ainda mais com a concorrência de marketplaces.

“No caso da Livraria Cultura, em São Paulo, há um custo enorme do aluguel daquele espaço e do IPTU. Você vai tendo despesas administrativas que, se esse negócio tem uma redução de venda, começa a se complicar”, explica a economista.

Além disso, é preciso notar uma mudança de comportamento do público, que passou a ser bombardeado com informações na internet, causando mudanças na capacidade individual de foco e uma predileção por vídeos. “A forma que as pessoas absorvem conhecimento está mudando, e isso também impacta o mercado editorial”, aponta Carla.

Esse novo formato de livrarias vem se consolidando no Brasil como espaços de convivências menores, minimalistas, focando no lazer do consumidor. A novidade destoa totalmente do modelo da Saraiva e da Fnac, que vendiam games, notebooks e até TV, como um espaço onde se pode ler à vontade e fideliza o leitor a adicionar esses espaços em sua rotina. Em São Paulo, ao menos 10 livrarias de rua foram inauguradas entre o final de 2021 e o começo do ano seguinte.

“Nós vemos essa transformação acontecendo, onde muitas livrarias de bairro

estão surgindo aos poucos e saindo dos shoppings, que não parecem um modelo de gestão viável hoje em dia”, observa Cypriano. “Por conta do fenômeno da Amazon, as pessoas estão consumindo mais livros. O que está mudando é o modelo de livraria que conhecemos”.

É importante delimitar que a abertura de livrarias menores é um fenômeno forte em São Paulo, mas não necessariamente no restante do País.

Além das livrarias movimentarem a economia, elas também têm um papel de formação cultural. Carla Beni explica que há uma importância, em todas as sociedades, de haver um repositório do conhecimento, e por isso todas as cidades têm as suas bibliotecas. “É uma forma de fazer uma manutenção do conhecimento e do saber humano, que é representado pelos livros nessas grandes bibliotecas. Por consequência, você tem as livrarias que produzem todo esse material”, pontua. Para ela, a importância chega a ser tanta que há casos em que a livraria se torna um lugar turístico, como no caso da Bertrand, fundada em 1732, em Lisboa, e faz parte de diversos roteiros de passeios pela cidade.

Para essa formação cultural, aqui no Brasil, é possível que esse estímulo precise do Estado através da criação de programas específicos de estímulo à leitura, para que isso também crie um público que demande as livrarias. “O que falta, agora, é resgatar políticas públicas que estimulem o leitor e inclusive o mercado editorial”, aborda a professora. “A biblioteca pública é um lugar importantíssimo em trocas sociais, então é preciso que as prefeituras façam programas de troca, feiras de livros e eventos que unam a sociedade em torno do hábito da leitura, fazendo com que isso alimente de forma indireta o mercado editorial”.

Um levantamento recente mostra que o Brasil tem em torno de três mil livrarias ativas, porém é difícil arriscar se esse número se manterá nos próximos anos. Devido a questões macroeconômicas, às políticas públicas e aos hábitos de convivência que se transformam ao longo dos anos, é imprevisível a força que o mercado offline pode alcançar no futuro.



© Revista Exame

Livraria cultura da paulista, uma das últimas grandes livrarias em um setor em transformação

Diversidade e inclusão marcam a 35ª edição da Bienal de São Paulo

Localizada no Parque Ibirapuera até o dia 10 de dezembro, a exposição se mostra plural e inclusiva: desde os curadores, aos artistas e suas obras, com sistemas de adaptação para PCDs

© Maria Ferreira dos Santos



"Coreografias do Impossível"
é o tema da 35ª edição da
Bienal de São Paulo

dos grupos representados – pessoas indígenas, negras, palestinas, latinas, entre outros –, com atravessamentos históricos que são capazes de traduzir conflitos sociais, humanitários e reflexões sobre arte e sociedade.

Mas, afinal de contas, o que é uma Bienal de Arte?

A Bienal proporciona um encontro e uma parceria cultural, que promove o diálogo entre artistas contemporâneos de diferentes origens e estilos, estimulando um ambiente enriquecedor. Inclusive, sua primeira edição, intitulada 'Biennale di Venezia', ocorreu na Itália entre 1894 e 1895, inspirando todas as outras que vieram depois.

Em São Paulo, além da exposição, os visitantes podem participar de atividades educativas, como palestras e workshops. A iniciativa contribui para a formação cultural do público, visto que o espaço é muitas vezes palco para debates sobre questões sociais e políticas, motivando discussões necessárias a respeito de temas relevantes.

Há também apresentações de música, dança e visitas guiadas na programação da Bienal. Através do site bienal.org.br, é possível encontrar detalhes sobre os dias e horários de cada atividade oferecida.

Ao **Contraponto**, Marcus Vinicius Fainer Bastos, professor do Departamento de Artes da PUC-SP, comenta: "A Bienal de Artes de São Paulo é sempre um panorama do que está acontecendo no circuito internacional das artes [...] ela sempre teve como curadores homens brancos héteros ocidentais, com algumas exceções para curadoras mulheres. Isto leva a uma visão específica de arte, que nem sempre está aberta à diversidade de linguagens, raças, gêneros e etnias. A 35ª Bienal de São Paulo propõe uma alternativa a este formato, ao ter como curadores um coletivo que inclui mulheres e pessoas racializadas".

Essa mudança reflete uma busca por uma visão mais diversificada do que é e de quem faz uma Bienal. Isso desempenha um papel fundamental na construção e

Por Beatriz Yamamoto, Fernanda Travaglini, Maria Luiza Costa e Maria Ferreira dos Santos

A cada dois anos, o Pavilhão Cicillio Matarazzo, localizado no Parque Ibirapuera, em São Paulo, abriga a Bienal de Arte. O evento acontece na cidade desde 1951 e em 2023 alcança sua 35ª edição. "Coreografias do Impossível", como foi batizada, traz ao público uma proposta plural.

Para realizar essa tarefa, a curadoria nesta bienal contou com diversidade de gênero, nacionalidade, idade e raça entre os quatro curadores: Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel são os principais responsáveis por selecionar a gama de discursos, artistas e obras que compõem a exposição, que ocorre do dia 6 de setembro a 10 de

dezembro. A montagem prezou pela horizontalidade: são quatro olhares de origens distintas decidindo – sem hierarquias – sobre a edição de 2023.

"Como corpos em movimento são capazes de coreografar o possível, dentro do impossível? A proposta para a 35ª Bienal de São Paulo surge como um projeto comum, ao redor de múltiplas possibilidades de coreografar o impossível. Como o título sugere, trata-se de um convite às imaginações radicais a respeito do desconhecido, ou mesmo do que se figura no marco das impossibilidades". É assim que o projeto curatorial da 35ª Bienal de Arte de São Paulo se apresenta.

O movimento sugerido se traduz em uma diferente utilização do espaço do Pavilhão. O vão livre, logo na entrada, ficou ocupado por diferentes propostas, materializando a ideia de ruptura já na experiência espacial. Os três andares do pavilhão também não seguem uma ordem direta – é indicado começar pelo primeiro andar, subir ao último e, depois, ir ao segundo.

Além da composição que dá início à coreografia proposta nessa Bienal, muitas são as experiências através das obras: diferentes texturas – ainda que não seja permitido o toque – aguçam o olhar, evocando sinestesia e inúmeros estímulos.

O casamento entre as percepções auditivas e visuais captam visitantes em pequenas salas dispostas nos saguões, explorando sons, memórias e vivências



© Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

Na foto, da esquerda para a direita, os curadores Manuel Borja-Villel, Diane Lima, Grada Kilomba e Hélio Menezes

reafirmação da identidade cultural brasileira, uma vez que cresce o interesse em representar a diversidade e a riqueza das expressões artísticas do país.

Vale lembrar que a Bienal de São Paulo é uma das mostras de arte mais significativas no âmbito nacional. Um público amplo e diversificado se desloca de todo o Brasil para a cidade a fim de visitar a exposição. Em escala mundial, também há um papel de relevância, tendo em vista a presença de artistas de interesse internacional – como Kidlat Tahimik e o coletivo MAHKU – posicionando o Brasil no cenário global das artes visuais.

Frente 3 de Fevereiro: a história de uma exposição

Um dos participantes nesta Bienal é um coletivo multidisciplinar, que surgiu partir do assassinato de Flávio Ferreira Sant’Ana, no dia 3 de fevereiro de 2004, vítima da violência policial. O grupo tem como objetivo principal debater sobre o racismo no Brasil, utilizando uma abordagem focada na multidisciplinaridade, abrangendo as artes visuais, teatro, poesia, audiovisual, aulas e debates.



Equipe do coletivo Frente 3 de Fevereiro

“É uma coletividade para discutir essa questão [racismo] através da arte no Brasil, o racismo estrutural, as violências que o nosso passado escravocrata deixou no presente. Então, como a gente pode pensar esse campo, esse tema, essa urgência através da arte, da potência poética”, comenta um dos participantes do grupo, o artista Daniel Lima, sobre o propósito da organização.

Daniel Lima é bacharel em artes plásticas e Doutor em Audiovisuais pela Escola de Comunicação e Artes da USP, além de Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP. Criando intervenções no espaço urbano desde 2001, Lima desenvolve trabalhos coletivos sobre questões raciais, além de ser um dos fundadores do coletivo.

A exposição “Inteligência Ancestral” teve sua criação iniciada junto à fundação do grupo, em 2004. Reunindo quase 20 anos de trabalho, ela conta com uma experiência imersiva que une o acervo do grupo e inteligência artificial (IA) para compor a instalação. A tecnologia ainda reconstrói a imagem e voz de Maurinete Lima, mãe de Daniel, socióloga, escritora e uma das fundadoras da Frente 3 de Fevereiro, que faleceu em 2018.

“A reconstrução foi feita através dos recursos de inteligência artificial, e por isso o trabalho traz esse título: Inteligência Ancestral. Ela foi usada para trazer a presença de pessoas já falecidas no nosso ambiente social. Aí tem um compromisso ético e estético com relação a essa ancestralidade, podendo potencializar isso através de um ambiente imersivo”, explica o artista.

Uma questão frequentemente discutida é a forma como as IAs recebem as informações que fazem parte do seu ‘banco de dados’, e com o esforço do coletivo, a tecnologia foi utilizada a partir de uma perspectiva não-branca, que teve como base a vida e experiências de uma pessoa real. Assim, mostrando de que forma a contribuição afro-brasileira pode influenciar na constituição dessas ferramentas.

“A criação inicial, com a dona Mauri, como uma pessoa recriada e existindo virtualmente, pode ser sim um farol que ilumina um caminho para uma inteligência artificial, a partir de uma outra perspectiva não-branca, que não nasce dentro das universidades ou dos centros de pesquisa de tecnologia, e sim da vida, da atuação política e poética, e da existência do grupo e das coletividades que formam essa pessoa”, exalta Daniel.



A exposição da Frente 3 de Fevereiro questiona a violência policial contra pessoas negras

Diversidade e inclusão

Com cerca de mil obras em pouco mais de 40 mil m², os ritmos de “Coreografias do Impossível” têm como principal característica a diversidade. Não é à toa que 80% dos artistas da exposição são não-brancos, como Aida Harika Yanomami e Tiganá Santana, além da presença de coletivos e organizações, como o Archive de la Memoria Trans (AMT) e o Quilombo Cafundó.

Ao longo dos três andares, é possível observar discussões sobre raça, gênero, sexualidade, colonização, escravização, diversidade cultural e tantos outros temas. Pode-se dizer que, na tentativa de amenizar os efeitos do apagamento histórico, a Bienal potencializa a manifestação artística de grupos e culturas até então sub-representados.

Outro ponto interessante sobre a 35ª edição da Bienal é a responsabilidade quanto à inclusão. Com entrada gratuita, ela dispõe de textos em braile e em fonte ampliada, maquetes táteis, acessibilidade física (como elevadores, rampas de acesso, banheiros adaptados e sistema de sonorização de emergência) e vídeo-guia em libras.

Vale ressaltar também o espaço dedicado à Cozinha Ocupação 9 de Julho, do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), que tem como proposta oferecer alimentos saudáveis a preços acessíveis.



© Fernanda Travaglini

Cordéis pendurados em exposição na 35ª Bienal de São Paulo



© Maria Ferreira dos Santos

Parte da exposição do filipino Kidlat Tahimik



© Maria Ferreira dos Santos

Obra do filipino Kidlat Tahimik



© Maria Ferreira dos Santos

Arquivos de Seu Otávio Caetano fazem parte da exposição do Quilombo Cafundó



© Fernanda Travaglini

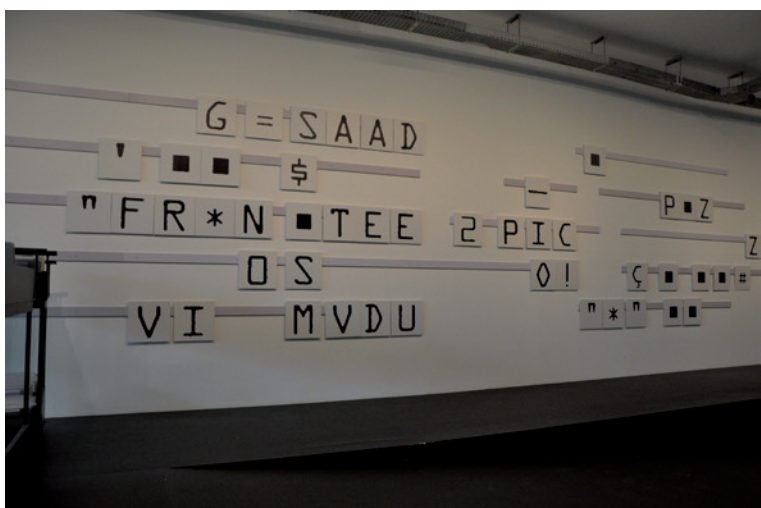
Parte da obra Rewe Rashūiti de MAHKU



Vista da obra Con-junto de Daniel Lind-Ramos durante a 35ª Bienal de São Paulo



Vista da obra ZUMBI ZUMBI ETERNO, de Julien Creuzet



Vista da performance A Phrase That Fits de Will Rawls



Desease Thorwer #4, a obra de Guadalupe Maravilha na 35ª Bienal de São Paulo



Vista de Blackbasebeingbeyond (2023) de Torkwase Dyson



Vista da instalação Parliament of Ghosts de Ibrahim Mahama

O horror por trás do show

Funcionários denunciam falta de condições trabalhistas e baixa remuneração em festivais de música milionários

Por Khauan Wood, Nicole Domingos, Thainara Sabrine, Victória da Silva e Vítor Nhoatto

Rock In Rio, Lollapalooza e The Town são alguns dos grandes festivais de música que acontecem no Brasil, contando com a presença de muitos artistas, patrocínio de grandes marcas e uma multidão de fãs. O que não é discutido, mas omitido pelas grandes mídias, são os abusos que acontecem nos bastidores, principalmente relacionados à exploração de trabalho.

Os trabalhadores contratados informalmente lidam com a injustiça de receberem somente pequenas comissões por mais de dez horas de trabalho, sem intervalos, transportando carregamentos pesados e, muitas vezes, sem nenhum equipamento de segurança. Essa carga horária é compensada pela falsa experiência de ir ao festival, já que os organizadores atribuem a participação do evento como parte do salário.

Surge, assim, uma discussão do porquê os festivais que lucram milhões de reais não conseguem atender às condições de trabalho exigidas. Pior ainda quando o funcionário, que exerce o trabalho braçal durante toda a duração do festival, é aquele que garante a organização do evento.

Os Eventos

As histórias desses festivais sempre foram envoltas por um brilhantismo e irreverência por parte de seus idealizadores, além dos aportes milionários. Uma imagem positiva se cultivou no ideário popular a partir da promoção midiática e do ferrenho marketing praticado, destacando-se a ideia de um mundo melhor a partir da música. Isso é visto nos impactos econômicos e sociais gerados, embora apenas em percepção macro, dada as diferenças gritantes dos ganhos e tratamentos entre os que são vistos nos palcos e as engrenagens escondidas dos espetáculos.

Rock In Rio e The Town

O Rock In Rio, festival brasileiro mais famoso e longínquo, teve sua primeira edição em 1985, na “Cidade do Rock”, no Rio de Janeiro. Pensado pelo publicitário Roberto Medina, o festival foi um pedido de um dos clientes da instituição do empresário, a cervejaria Brahma, que lançava um produto voltado aos jovens. Com uma estrutura considerada até então como a maior do mundo, o evento se destacou por trazer grandes nomes



© Maria Elisa Tauil

Palco New Dance Order, The Town 2023

internacionais, como as bandas Queen, Iron Maiden, AC/DC, à pouco frequentada América do Sul.

Devido à grande repercussão, o festival voltou a ocorrer e se expandiu para Lisboa (Portugal), Madri (Espanha) e Las Vegas (Estados Unidos). Ao todo, 22 edições foram realizadas e, segundo dados da Rock World, empresa organizadora do evento, mais de 28 mil empregos diretos e indiretos foram gerados pelo projeto. Em relação às cifras milionárias, a última edição (2022) arrecadou um investimento de R\$125 milhões e movimentou mais de R\$2 bilhões na economia carioca.

A mais nova aposta da família Medina no mundo da música foi o The Town, que teve sua primeira edição este ano, em São Paulo, já despontando como grande marca. Com sua enorme estrutura e nomes de peso, como Demi Lovato, Bruno Mars e Foo Fighters, o festival recém-nascido foi considerado o “Rock In Rio paulista”. O investimento de mais de R\$300 milhões impactou a economia do estado – de forma direta e indireta – em R\$1.9 bilhão, segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), gerando mais de 23 mil postos de trabalho.

Tomorrowland

Criado em 2005, na Bélgica, e voltado à música eletrônica, o Tomorrowland também se destaca entre os festivais, sendo um dos maiores do mundo. Realizado no Brasil em 2015, 2016 e 2023, em Itu (SP), o evento aquece a economia da cidade com cifras milionárias e com uma expressiva oferta de empregos temporários. Segundo a organização, neste ano, o impacto econômico na receita brasileira chegou a R\$700 milhões, além da lotação hoteleira na cidade acima dos 90% durante os três dias do festival.

Lollapalooza

Criado em 1991, nos Estados Unidos, o Lollapalooza é outro grande evento de música, com sede em Berlim (Alemanha), Buenos Aires (Argentina), Chicago (EUA), Estocolmo (Suécia), Santiago (Chile) e São Paulo. Diferente do apelo rock e pop do Rock In Rio, o festival planejado pelo cantor Perry Farrell se destaca por trazer artistas alternativos e atrações de *heavy metal*, além de um clima mais descontraído com sua estrutura modesta – quando comparado aos concorrentes.

No Brasil, a história do evento é de êxito para a sua organizadora, a Live Nation, já que a edição de 2022 foi o segundo festival de música mais rentável do mundo, com uma renda bruta de 21 milhões de dólares (sem incluir os patrocínios), de acordo com a revista americana Pollstar. Além disso, a economia local também é amplamente estimulada graças ao grande fluxo financeiro e populacional ao redor desses eventos. Segundo pesquisas do Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo, a última edição do Lollapalooza gerou cerca de R\$400 milhões.

As Denúncias

Apesar da rentabilidade e de todo o impacto positivo na economia e no turismo, um lado sombrio e problemático circunda a realização desses espetáculos. Enquanto alguns pagam valores altos para verem seus artistas favoritos de perto, outros são explorados e submetidos a condições precárias. Denúncias de trabalho análogo à escravidão mancham a imagem das marcas, que a todo custo tratam de se isentarem de suas responsabilidades. Assim, quem realmente trabalha para que a magia da música aconteça sofre a exploração em seu mais amargo e intenso grau.

Com pouca atenção da mídia hegemônica, patrocinada pelas mesmas marcas dos festivais, esses casos continuam a acontecer. Este ano, cinco trabalhadores foram resgatados das instalações do Lollapalooza em condições degradantes. Sem registro formal, eles relataram ao Ministério do Trabalho e Emprego que não podiam voltar para casa ao fim do dia, dormiam em papelões, e tinham que carregar suprimentos pesados sem os devidos cuidados.

O órgão público notificou a então organizadora do festival, Times For Fun, que se limitou a informar o rompimento do contrato de terceirização com a empresa Yellow Stripe, responsável pelo quiosque em questão. Em entrevista ao **Contraponto**, a advogada trabalhista Ericka Fei-



© Auditoria Fiscal do Trabalho

Colchonetes utilizados por trabalhadores encontrados em péssimas condições de trabalho no Lollapalooza 2023

tosa destaca que “a empresa tomadora do serviço deve garantir aos trabalhadores temporários, com base no artigo 4º da legislação específica, a proteção à saúde, segurança do trabalho, instalações apropriadas para a realização do serviço e meios de transporte ou vale transporte”.

Em entrevistas com colaboradores de grandes festivais, é notável que as jornadas de trabalho geralmente não cumprem as demandas ideais, tornando-se frequentemente exaustivas e desumanas, com horas em pé, pouca ou nenhuma consideração com a necessidade de deslocamento para o evento e dentro dele, seja durante o horário de almoço e jantar, ou para usar o banheiro. Feitosa esclarece que, com uma jornada a partir de seis diárias, é obrigatório o intervalo de, no mínimo, uma hora para refeição e descanso.

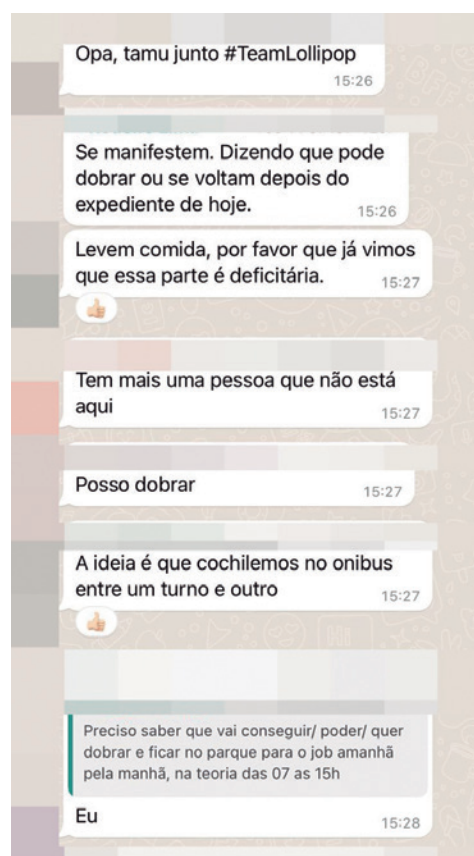
Um trabalhador do festival *The Town*, que preferiu não se identificar, comentou sobre sua experiência, com uma lista extensa de reclamações. “Abuso de hierarquia de funções, falta de esclarecimento e informação, falta de responsabilidade na orientação dos *heads* e *staffs*, muita exigência de horários e penalidades por ir ao banheiro, por descanso, almoço e jantar, comida insalubre, estragada, fedida e de pouca diversidade, assédio verbal e físico, assédio por mensagens, brigas internas, acréscimo na carga horária dos *staffs* que ficavam no ponto esperando serem liberados, casos frequentes de preconceito e nenhuma acessibilidade, horas extras sem justificativa ou bonificação, constante denúncia dos *staffs* relatando má organização interna dos estandes e ameaças que sofreram de pagantes dos eventos”, finaliza.

Os relatos são ainda piores quando se trata da equipe técnica de montagem e limpeza, que acaba vivendo situações nocivas e até análogas à escravidão, sendo forçados a ultrapassarem as cargas horárias de trabalho sem receberem um valor equiparado ao serviço estendido. Segundo Feitosa, há punições para esses casos, em que as empresas poderão ser penalizadas com o pagamento das verbas trabalhistas e indenizações. A advogada ainda explica que, se comprovadas as denúncias, poderão também responder criminalmente.

As empresas que oferecem a prestação desses serviços geralmente são terceirizadas, que contratam o *casting* (equipe de trabalho) com base na demanda exigida pelo festival. Muitas vezes esses colaboradores são contratados através da modalidade de *freelancer*, uma maneira de formalizar a prestação de serviços dos trabalhadores que atuam de forma autônoma. Feitosa afirma que, mesmo que o trabalho temporário não esteja previsto na Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), esse tipo de contrato também prevê direitos que precisam ser respeitados pelos empregadores. Inclusive, muitos equivalem àqueles assegurados aos trabalhadores efetivos, como o registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social. Porém, poucas vezes as leis trabalhistas são cumpridas, já que esses contratos não são contemplados pela CLT.

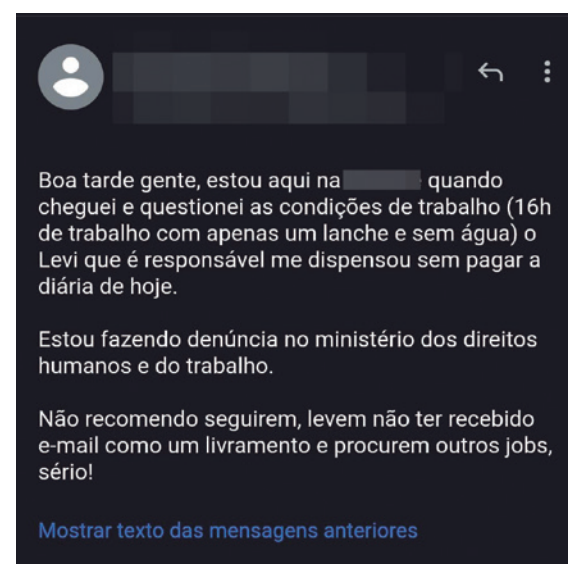
“Os direitos trabalhistas precisam realmente existir nesses contratos”, destaca um dos colaboradores do festival *The Town*. “Não é só porque somos *freelancers* que devemos receber apenas um troco de pão e uma pitada de dólar. As remunerações raramente ultrapassam 150 reais e não incluem o Vale-Transporte (VT), o que, por si só, já é um absurdo considerando as oito horas em pé estabelecidas no contrato, além do tempo de deslocamento e das atividades do próprio trabalho. A remuneração e as condições de descanso precisam ser levadas a sério e exigidas pontualmente”, defende.

Apesar de alguns canais e colaboradores já terem feito denúncias ou reivindicações, a exploração continua acontecendo de forma velada. Segundo relatos, os trabalhadores recebem como proposta “a experiência de estar em um grande festival”. Já as empresas, quando questionadas sobre as condições de trabalho, respondem com tentativas de melhorias que muitas vezes não possuem finalidade prática.



© Reprodução anônima

Screenshot de funcionários relatando condições ruins de trabalho em um grupo de WhatsApp



© Reprodução/Anônimo

Screenshot de denúncia recebida via e-mail

Sobre isso, um trabalhador autônomo que atuou em grandes festivais comenta: “Tivemos apenas uma reunião com o sindicato, que se tratava de uma reunião online para aceitar ‘os pontos’ do contrato com o evento. A votação foi super-rápida, com apenas uma pergunta: Todos de acordo com o contrato? Ninguém abriu o microfone, algumas pessoas disseram ‘sim’ no chat e nada foi dito além disso. Alguns colegas meus levantaram dúvidas e perguntas, foram silenciados pelo microfone, no fim, a reunião terminou em menos de uma hora e meia”, relata.

Todas as denúncias e relatos por parte dos trabalhadores deixam uma reflexão: enquanto de um lado, fãs de artistas e amantes da música desembolsam milhares de reais para se divertirem ou realizarem o sonho de conhecer pessoalmente seus ídolos, trabalhadores são explorados ilegalmente sob o falso discurso de viverem a experiência proporcionada pelos festivais e a oportunidade de acompanharem grandes estrelas da música ao vivo.

O Legado de um Gênio

Experiência em 8k visa mergulhar e apresentar para novas gerações o talento e as obras de Vincent Van Gogh

Por Lucas Malagone

Preservar a arte, o legado e as obras de um artista é um desafio que a cultura enfrenta ano após ano, década após década, século após século. Principalmente porque podemos descobrir obras de arte, um talento, um artista anos após sua morte, por injustiça, falta de alcance ou até mesmo porque simplesmente não nos parecia atrativo ou compreensível naquele momento e passava despercebido ou desvalorizado no meio da multidão.

Esse é o caso de Vincent Van Gogh: um inovador, visionário, incompreendido no tempo em que viveu, e, que com seus traços e cores únicas, retratava a beleza do mundo que o cercava. O legado de Van Gogh não foi construído em vida: um artista que pintou incansavelmente vendeu apenas um quadro em vida e hoje tem suas obras valendo milhões de dólares.

Sempre tive um apego muito forte com as obras de Vincent, consigo ficar mergulhado horas em suas cores, seus traços simples, mas ao mesmo tempo complexos, que retratava um mundo cheio de vida, de uma forma singular, que mostrava temas diversos de um modo único. Um homem que acreditava que a arte, a pintura poderia mudar o mundo e torná-lo um pouco melhor, e eu concordo com ele. Suas obras mostram o mundo mais vivo, cheio de luz e emocionante.

Considero um episódio de "Doctor Who?", famosa série de ficção científica britânica genial nesse ponto, na qual os protagonistas levam Vincent numa viagem no tempo em uma espécie de agradecimento por ter ajudado a derrotar inimigos alienígenas, numa exposição do pintor em 2010 em Londres, com milhares de visitantes apreciando a beleza de suas obras e a sua genialidade. Uma espécie de pedido de desculpas de toda a humanidade por nunca ter notado seu talento em vida, conversando e ouvindo sobre a beleza de seus quadros,

quase chorando emocionado, o que nunca pode escutar em vida.

Nos tempos de hoje, de uma geração cada vez mais presa no celular, é difícil atrair um público jovem para conhecer obras artísticas no geral, e esse é o mérito da exposição Vincent Van Gogh em 8K, que nos mergulha numa experiência sensorial em suas obras dando vida a elas. A exposição começou no dia 15 de setembro e irá até 20 de dezembro no Shopping Lar Center na Zona Norte de São Paulo.

Os espaços bem projetados contam a vida do pintor e a importância de seus projetos para a história da cultura e da arte no geral. Os espaços sensoriais onde mergulhamos dentro de suas obras, nos vemos em imersos campos de girassóis; nos seus traços refletidos em espelhos numa enorme sala, onde podemos ficar horas a fio vendo suas obras; nas palavras da cunhada, da esposa e do irmão Theo narradas por Fernanda Montenegro. Tudo isso com uma trilha sonora escolhida a dedo e, casada perfeitamente com suas obras, nós sentimos um pouco de sua vida e sua arte.

Com músicas como "Yesterday" dos Beatles, ou "Parla Piu Piano", tema do "O Poderoso Chefão", a trilha sonora é um dos pontos altos da experiência, se fundindo com as imagens e nos emocionando ainda mais. Atinge o seu sucesso com a linda canção "Vincent (Starry, starry night)" de Don McLean, trilha sonora que dá mais vida ao "Noite Estrelada".

Durante as projeções, percebemos a injustiça que um artista tão brilhante fora esquecido em vida, e fora atormentado por essa incompreensão. O quanto precisamos continuar a difundir e apreciar sua arte e sua história de todas as formas para que sua genialidade seja sempre celebrada é contemplada ao longo da experiência vivenciada na exposição.



© Lucas Malagone

Ambiente imersivo que simula as obras de Van Gogh

*"Agora eu entendo
O que você tentou me dizer
E como você sofreu por sua sanidade
E como você tentou libertá-los*

*Eles não te escutavam, não sabiam como
Talvez agora eles te escutem*

*Pois eles não conseguiam te amar
Mas seu amor era verdadeiro
E quando não havia mais esperança
Naquela estrelada, noite estrelada
Você tirou sua vida, como os amantes costumam fazer*

*Mas eu poderia ter dito à você, Vincent
Esse mundo não foi feito
Para alguém maravilhoso como você!"*

(Don McLean)



© Lucas Malagone

Espaço com luzes e som, simulando os traços do pintor



© Lucas Malagone

Exposição com um ambiente simulando campo de girassóis

